O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 18 DE MAIO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:168

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Não se entendem.—Legitimas conclusões.—Mais perseguições.—Vergonhas.—As erratas.—Assumptos da Batalha.—Carta de Lisboa. —Companhia Nyassa-Panamá.—Portugal no Oriente.—Folhetim: Magdalena.—Assumptos da Batalha.—Pelo estrangeiro.—Carta da Figueira.—Secção litteraria.—Noticiario.—Carta de Estarreja.

AVEIRO.

Não se entendem

O *Reporter* entende que deve trocar as declarações feitas ha dias no *Tempo* e applaude a attitude tomada pelo sr. José Dias perante os actos despoticos consubstanciados nas famosas ordenanças que restabeleceram a pena de morte nos crimes politicos, que mandaram cobrar impostos sem auctorisação do parlamento, que acabaram com os foros municipaes, ameaçando supprimir concelhos e comarcas, e que pozeram mão violenta sobre os collegios eleitoraes, uzurpando as attribuições conferidas aos quarenta maiores contribuintes, fazendo mão baixa sobre os eleitores, que supprimiram, alargando a area dos circulos e garrotando a representação das minorias. Nos termos d'este decreto, nenhum candidato pode apresentar-se sem previa licença do poder executivo, e quando o faça será fusilado em toda a linha.

Pois não obstante ninguem ignorar que são estas as conclusões magnas dos principios contidos na ordenança de 28 de março, o *Tempo* fez saber ao seu povo, que a sua gente não se absteria de ir á urna, se o paiz se prestasse a coadjuvar os numerosos amigos do sr. Dias Ferreira, ou se manifestasse de um modo energico contra a dictadura e contra os dictadores.

Ora o *Tempo* não ignora que o povo não vae atraz de homens, e que se ainda uma ou outra vez toma a serio os seus deveres constitucionaes, enfermou de descrença tal ao ver os actos ahi praticados em 1892, que não será facil revocal-o á vida activa a favor do representante politico de uma situação que promettia muito e que a final nada produziu que valesse a pena o sacrificio de resuscitar quem desceu á vala commum amortalhado na insignificancia dos seus actos. Voltarmos á situação de ha trez annos é que não pode ser. E fallamos assim por bem da administração e do paiz.

Ora o *Reporter* applaudiu o programma do Confucio do pateo do Pimenta. Deseja que haja comparsas para a comedia eleitoral, embora o paiz proteste contra o desplante e o repute indigno de figurar como arma de guerra, quando carece de quem governe discretamente, apresentando-se como leal ao rei e ás instituições.

Nós bem sabemos, que as instituições de pouco ou nada valem para a soffreguidão que ha de atropellar as leis, para mostrar força e fazer saber que a corôa quer aos ministros, sacrificando-lhes não só a liberdade e o paiz, mas tambem o futuro da dynastia. E se os governantes andam fóra do aprisco constitucional, e o chefe do estado entende ser mais commodo deixar-se ir, de preferencia a repor tudo na legalidade, as espertezas do *Tempo* satisfazem mediocremente quem vê tudo mais ao largo, e faz o diagnostico, consoante as aspirações bem manifestas do paiz. E' certo que os que se dizem amigos do rei não trabalham pela consolidação da monarchia. Do que ahi menos se tem tratado é dos principios. Os ministros fizeram uma reforma eleitoral em dictadura e parece pelas declarações do *Tempo*, que a synagoga do Pimenta aplaude tudo, uma vez que lhe deem circulos e lhe elejam os candidatos. Com estes processos espera ella escalar o poder, e o *Reporter* applaude tambem taes propositos por odio aos progressistas.

Mas olhem os srs. do *Tempo* e do *Reporter*. Creem que alguem os póde tomar a sério? Que garantias dão os homens do seu amor ao paiz e á liberdade, quando tão servilmente acceitam como dignas de um povo livre ordenanças como as que teem publicado no corrente anno o poder executivo? Se se prestam a cumpril-as, não contem com o apoio de ninguem que for sério e digno. Façam muito embora zumbaias aos uzurpadores, mas não esperem que o povo lhes outhorgue o diploma, com que nas nações constitucionaes é costume galardoar os cidadãos mais conspicuos, os estadistas cuja benemerencia lhes dá não para praticarem actos degradantes, mas para se evidenciarem pela resistencia com que se oppõem ao arbitrio, dando lições de probidade politica aos povos e aos reis.

A coragem civica não é a subserviencia, nem o amor da patria se reduz a acceitar como boas as praticas que fizeram as delicias do conde de Basto e de Costa Cabral.

LEGITIMAS CONCLUSÕES

A legitimidade de todo e qualquer governo está na justiça da sua acção; e, partindo d'este principio axiomatico em direito publico, deveremos firmal-o nas tres bases geraes do systema representativo, segundo a opinião auctorisada do sr. Antonio de Serpa Pimentel. São ellas—*a separação dos poderes; a egualdade civil, e a discussão liberrima.* Ora, os poderes confundiram-se, a egualdade civil não existe, e a discussão tolheu-se: logo o governo, além de *illegitimo*, condemna totalmente as theorias do *seu chefe*.

E, esta preversão intima de todas as cousas; sste genero singular de governo, que escapou á classificação de Aristoteles, é na opinião d'um outro ex-minirtro, já fallecido, o sr. Oliveira Martins, a *cauza mortis* da nossa sociedade. Illusão cruel, que põe os nacionaes d'um paiz na situação dos povos, que exploram gentes estranhas.

E, nós (accrescenta elle), que sômos afinal os donos da propriedade emphyteuticada ao *bando regenerador*, havemos de gemer no dia em que a ironia amarga nos chicotear o lombo com os *açoutes* das desgraças, que preparámos por nossas mãos impotentes, e que *elle* amontoou com as suas, erguido o index para o ar n'um gesto petulantemente soberano. Assim já foi descripta, ha 10 annos, a nossa triste situação pela penna de tão habil mestre: assim já então era o systema representativo entre nós.

Hoje é que ninguem sabe, o que é isso que para ahi ostenta de governação do Estado: *representativo* é que ella não é pelo simples motivo de que não ha representação: será o *regimen de doidos*, provocadores, como a classificou o sr. José Luciano de Castro na ultima assembléa geral do seu partido. Assemelhar-se-ha áquelle poder, de que nos falla Victor Hugo na sua *Historia d'um crime—gouvernement horrible, hypocrite, qui fait hesiter entre l'ectal de sire, e le sanglot.*

Quanto a nós (repetil-o-hemos) é a injustiça armada de força, que não provocará uma guerra civil, como geralmente se presume, mas que pode inutilisar a dynastia, abrir as portas aos estrangeiros, e entregar as colonias aos ambiciosos que jogam com a nossa fraqueza, e que teem tido por advogados alguns diplomatas que temos sustentado com largas remunerações. Um paiz, aonde no curto periodo de cinco annos se fazem quatro eleições, com as finanças em completa desorganisação, o credito compromettido, o *deficit* augmentado, e a divida fluctuante n'um *crescendo* espantoso, tem sido governado pelas paixões politicas, e ha-de fatalmente, por este rumo, perder a sua autonomia.

Acreditamos no prestigio, na sciencia, e na honestidade do chefe do partido progressista e apoiamos a deliberação por este tomada em se abster de intervir na eleição de deputados a que se proceder; mas, no que não cremos, é na efficacia d'esse e outros que taes meios, para que o mesmo partido *por si só* realise o seu programma, embora se mantenha firme e unido.

A corrupção geral obriga a meios violentos, como os grandes males exigem grandes remedios. Antepôr-se ha além d'isso um outro partido cada vez mais vigoroso e por ventura *mais arrojado*, como, em maior fraqueza e indisciplina, o provocou pela tentativa, embora frustrada, em instituir o seu systema. Quer-nos parecer que dentro da egreja realista não haverá salvação.

Não basta que o sr. José Luciano de Castro esteja disposto a collocar-se á *frente do seu partido, prompto para tudo, seja qual fôr o perigo da sua situação*; é preciso, que o seu amor pela monarchia se subordine com effeito *ao seu amor pela liberdade*, por que é n'este caso que lhe não faltarão sectarios, para que na sociedade portugueza se restabeleça a boa administração, se attenda aos interesses d'ordem moral, se aproveitem e desenvolvam os recursos e forças nacionaes, e se restaure o credito e a fazenda publica, segundo a moção do sr. Barros Gomes.

E é urgente, a nosso ver, que desde já se empreguem os processos competentes para se conseguirem esses fins, attento o aphorismo do divino velho de Cos: *malus obstat, sero mudicina paratur.*

Já não ha protestos que ponham solido travão á roda de desatinos, que ha mais de dois annos ahi está girando vertiginosamente,—affirma-o a imprensa progressista. Estão esmagadas pela ordenança de 28 de março todas as reintencias, desartilhados todos os baluartes da opposição liberal, extinctos todos os meios de lucta.

Como quer então o partido progressista, *por si só*, reagir, e vencer tantas prepotencias?

Não nos parecem realisaveis tão nobres intuitos, e mais vale então cruzar os braços, do que incitar com reclamações brandas, e provadamente inuteis, a suspensão de todas as garantias. Mais vale então que tudo se dissolva para vêr se depois alguma cousa melhor se solidifica. Tal é a nossa humilde opinião.

ELYSIO FREIRE D'A. PESSOA.

Mais perseguições

A seguinte carta, dirigida ao nosso illustrado collega, o *Correio da Noite*, dá ao paiz a medida exacta de quanto tem de tolerante, de impecavel, de bom e de justiceiro este abençoado governo que nos dirige:

«Sr. redactor». — Acabo de receber participação official de ter sido exonerado de professor do Real Collegio Militar pelo sr. ministro da guerra. Para evitar commentarios que possam contender com a minha dignidade profissional e pessoal, cumpre-me declarar:

1.º Que no desempenho do meu cargo de professor, tive sempre e tenho as mais distinctas informações, como consta na respectiva repartição do ministerio da guerra.

2.º Que cumpri honrada, austera e desveladamente os meus deveres, muitas vezes até com sacrificio da minha saude.

3.º Que tendo sido nomeado, mediante concurso documental, em dezembro de 1890, com obrigação de mostrar provas publicas, não cheguei a prestal-as, em virtude d'um decreto do gabinete Dias Ferreira que prohibiu os concursos publicos até á nova organisação da instrucção publica.

4.º Que sempre fui muito considerado por todo o distinctissimo pessoal superior do Real Collegio Militar.

5.º Que não tinha o sr. ministro da guerra motivo algum para me exonerar, a não ser a minha comparencia na assembleia geral do partido progressista e o anodyno discurso que alli pronunciei.

A minha exoneração é, pois, uma represalia politica do sr. ministro da guerra, e repto seja quem fôr a quem a explique por outra fórma. E' mais um feito memoravel do bravo ministro, que tanto se tem illustrado na gerencia da pasta da guerra, para honra e gloria do exercito e das instituições.

Lisboa, 15 de maio de 1895.

João Baptista Ribeiro Coelho.

Ponha o paiz os olhos n'isto. Veja de que modo se faz administração, e por que forma o bando que nos governa respeita os foros e as garantias dos cidadãos. O sr. padre Ribeiro Coelho, que se não prestou ao papel infamissimo do outro, e que regia com inexcedivel zelo e aptidão uma cadeira do collegio militar, porque servia a causa popular alliado para isso com os amigos do povo e da liberdade, verberando o procedimento do governo, que é desde a sua ascensão ao poder tudo quanto de mais anomalo e corrupto existe na historia do velho systema governativo da escola regeneradora, foi demittido do cargo que exemplarmente exercia, com o saber e a proficiencia de que não são capazes todos os *festas* do ministerio.

Como contraste, os felizes da vergonhosa negociata do Nyassa, que são como o homem dos sete instrumentos que accumulam 4, 6 e mais empregos, não obstante a baixeza degradantissima a que desceram, não obstante a lama em que se envolvem, continuam no exercicio dos cargos que mal exercem, que não exercem até, mas de que recebem os proventos, fartos proventos que não merecem e que porisso lhes não pertencem.

A torpe acção dos dirigentes reduz-se e traduz-se n'isto: guerra sem treguas e sem quartel aos inimigos da sua politica baixa e miseravel; perseguição cruel e acintosa aos que defendem a liberdade e a lei; para os amigos, para os comparsas da crapula, do arbitrio e do crime em que se vive, a impunidade, a protecção escandalosa, e até a apotheose se tanto fôr mister.

Perguntamos mais uma vez ao paiz se isto pode ser, se este estado de coisas pode permittir-se e prolongar-se assim indefinidamente.

O sr. dr. Coelho Ribeiro é progressista. Portanto, fóra com elle do exercicio das funcções que honradamente exercia, porque não servem aos corruptos do mando os homens liberaes, porque não servem ao despotismo que se assenhoreou do poder os inimigos do absolutismo erguido ahi á força sobre as ruinas da liberdade esmagada.

E' inaudito isto. E' assombrosamente violento e feroz. Mas como é preciso esgotar a paciencia publica para que ella se levante e esmague tambem d'uma vez só a tyrannia, expulsando victoriosa os vendilhões do templo, vamos já agora até ao fim, que felizmente não virá já longe.

Vergonhas

Numerosas publicações estrangeiras se referem já, em artigos que são d'uma affrontosa apreciação do nome portuguez, ao escandaloso facto a que no n.º anterior nos referimos tambem, sobre a creação da estampilha antonina, extensiva aos Açores e á Madeira, e que não é mais, realmente, do que uma vergonhosa expoliação do governo, que tudo sacrifica á satisfação dos amigos, parentes e afilhados.

São dolorosas, profundamente dolorosas as phrases com que nos mimoseiam e os epithetos com que nos honram, mas verdadeiras, profundamente verdadeiras e cabidas, taes apreciações.

Que se fizesse a creação da estampilha para o continente, admitte-se e tolera-se. Mas que se estenda para além d'elle a sua circulação, facto é esse que revella um proposito firme de extorsão indecorosa, que vexa, que envergonha e que infama até este desgraçado paiz.

E n muitos pontos do estrangeiro, como na Austria, na Allemanha, em França, na Inglaterra, etc., etc., protestou-se já banir das collecções a do centenario Antoniano, de fórma que milhares de colleccionadores as não procuram. Isto acarreta uma perda grande para o Estado.

Se estão ainda a tempo de remediar o mal, porque o não fazem? Se podem pôr ainda um obstaculo a mais esse desvario governativo, porque o não põem? E' em nome da dignidade nacional que o lembramos. Obste-se assim a novas vergonhas, que já não são poucas as que nos teem acarretado.

As erratas

Não podemos deixar de mencional-as, porque são fulminantes. Logo no principio do nosso artigo editorial, onde se lê—Não *faziamos* questão—deve ler-se—Não *fariamos* questão.

Na mesma columna, onde se lê—Não se trata aqui de discutir se—deve ler-se—Não se trata aqui de discutir, se—.

Na mesma columna, onde se lê—pela deixa *aos* seus assertos—deve ler-se—pela deixa *os* seus assertos.

Na mesma col., onde se lê—*Demos* pois como boa—deve ler-se—*Damos* pois etc.

Quasi no final da col., onde se lê—obrigavam as Cassandras a dar-se como auctorisadas—leia-se—obrigava as Cassandras a darem-se etc.

Na 2.ª col., onde se lê—sem *confissão* nem desprestigio—deve ler-se—sem *confusão* nem desprestigio etc.

E concluindo, onde se lê—Em conclusão, *é* conforme—deve ler-se—Em conclusão e conforme.

ASSUMPTOS DA BATALHA

A CAMARA MUNICIPAL DA BATALHA

Bem dissemos nós na ultima correspondencia, que estava na forja da ciganaria mais outro infame projecto. No pateo da baiuca, onde quasi todos os dias se reunem os socialistas camarrarios, conjunctamente com o seu *habil escrivão padre-mestre* pertence a um individuo que actualmene se acha processado em Porto de Mós, em cujas cadeias já esteve preso por quatro vezes cumprindo sentença judicial pelo crime de... ser um regenerador *exemplar* em tudo e por tudo, e, como tal, o escolhido e preferido, para regedor de parochia da freguezia de Santa Cruz da Batalha, é onde tal sucia, presidida pelo chefe de repartição de fazenda, depois de terem as cabeças esquentadas pelos effeitos bachicos do jogo do chinquilho, planeiam, e vão pondo em pratica, os actos revoltantes e escandalosos, de que jámais ha memoria n'esta villa, nem consta tenham sido praticados por camara alguma, ainda a mais facciosa, desde Melgaço até ao Cabo de Santa Maria!

Não reune a companhia do olho vivo para arranjos e concertos, ou reparos, de estradas, de fontes e de pontes etc. de que tanto necessita o municipio, especialmente de ha tres annos para cá, data da entrada d'esta maldita gente para a gerencia dos negocios d'elle, mas sim reune para praticar tudo quanto é nocivo aos seus interesses, e tudo quanto é indecente, illegal, infamante, e indecoroso, a ponto tal, que pelas esquinas das ruas teem aparecido pasquins ameaçadores chamando-lhes—uma horda de maltrapilhos sem pudor!...—

Está, pois, o nosso amigo Aragão outra vez na *berlinda*.

Vendo os selvagens, que não produziam os effeitos desejados as judiarias, que lhe teem feito, para darem o logar de amanuense a outro collega do chinquilho, inventaram uma nova calumnia, e tal foi a pressa em pôr o nefanto plano em execução, logo que tiveram noticia de que o sr. Aragão ia recorrer para o ex.mo Auditor Administrativo de Leiria, das arbitrarias e illegaes suspensões *(a retalho) por sac cessivos addiamentos*, que, em sessão, ou antes bachante conciliabulo, de oito do corrente, arranjaram, digo *copiaram*, um questionario, composto de seis quesitos (isto já não pode ir senão ás meias duzias; parto laborioso de... camaristas tambem das duzias), alguns tão infamantes, e calumniosos, que só... *fadistas taes* o sabem fazer, e os quaes havemos de commentar brevemente, para a sua victima responder até ás 10 horas da manhã do dia 15 proximo, ordenando ao official de diligencias, que fizesse a entrega mediante recibo!

O sr. Aragão recebeu a *pasquinada* a sangue-frio, e passou o recibo por deferencia aos superiores, e não por o dever passar; porque terminando o ultimo addiamento da suspensão no dia 22 só o avinhado cerebro d'uma seita negra, como esta, é que se lembraria de ouvir por escripto um empregado depois de por ella suspenso!!!... *Le vin entre et la raison sort.* Tudo extraordinario e vergonhoso!...

Não continuamos a pedir providencias ao sr. governador civil de Leiria, ex.mo visconde de S. Sebastião, por ser voz publica por ellas (adrede?) propalada, de que: quanto teem feito, e estão para fazer (que mais será?) é com a annuencia de sua ex.ª, e que porisso nada temem!...

Faltava mais esta!

E já que estamos com a penna na mão aproveitamos a occasião de recommendar ao sr. Yetim (synonimo de caramboleiro), que com tal pseudonimo firmou uma correspondencia para o jornal *Correio de Leiria*, n.º 14 de 9 do corrente mez: que, quando tornar a rabiscar para qualquer folha periodica, não falte á verdade, no que quizer expôr, tão imprudentemente. Se não vê bem, colloque as cangalhas no ponteagudo talhamar, que tem entre os olhos, ou então applique, mesmo sem *receita* de medico, ás *meninas* dos ditos algumas gotas d'agua de... rozas, para melhor apurar a vista, e ver o que escreve. Se quer de futuro ser pedagogo do *bello sexo*, acautelle-se. O aviso aqui fica, depois não se queixe.

S.

CARTA DE LISBOA

17 DE MAIO DE 1895.

O governo não repousa em leito de rozas. Todos os factos o provam. Em tres dias dois demorados conselhos de ministros. Na sahida do ultimo, o sr. João Franco disse a alguem: «Estou doente, vou descançar, não posso mais: —estou farto de governar.» Mas então, perguntou o amigo com quem conversava, «quem substitue o governo actual?» «E' claro que o partido progressista, pois que outra solução não póde ter o actual estado de cousas.»

Isto é positivo.

A questão do Nyassa é grave e crê-se que é esse um dos pontos, que mais difficuldades cria á situação. Depois a questão financeira, gravissima tambem. Crê-se pois que este estado de cousas não durará muitos dias.

— O ministerio decompõe se, por que alguns de seus membros sáem em vigiliatura para differentes pontos. O sr. ministro do reino vae ámanhã para o Alcaide, onde se demorará 10 dias. Depois volta a Lisboa para seguir d'alli para as Caldas da Rainha. O sr. Ferreira d'Almeida vae sair tambem para as Caldas da Felgueira, onde se demorará 20 dias, e falla-se ainda na sahida de outros ministros.

—Sua Magestade a Rainha D. Amelia parte ámanhã para as caldas de S. Pedro do Sul. O combovo real parte da estação do Rocio ás 8 horas da manhã, chegando a Alfarellos, onde se realisará o almoço, ás 12 horas e 21 minutos da tarde; á Pampilhosa á 1 hora e 33 m. e a Santa Comba, onde tem logar o trasbordo, ás 2 horas e 32 minutos; a Vizeu chegará ás 4 horas e 38 minutos. Sua Magestade e seus augustos filhos são acompanhados pela sr.ª D. Francisca de Noronha, D. Antonio de Lencastre, conde da Ribeira e D. Fernando de Serpa. Acompanham tambem Sua Magestade o sr. ministro das obras publicas e o seu secrtario; e por parte da fiscalisação do governo, os engenheiros general sr. José Joaquim de Paiva Couceiro e major sr. Affonso de Moraes Sarmento; e por parte da companhia real, o director sr. H. E. Boyer e os chefes de movimento e tracção. O sr. ministro das obras publicas, acompanhado do pessoal de fiscalisação, regressa no proximo domingo, partindo de Vizeu ámanhã ás 6 e 5, tomando na Pampilhosa o comboyo ordinario, que deve chegar ao Rocio ás 5 e 30 da manhã. No comboyo rea, seguem tambem 25 creados. Os trens cavallos e muares já lá estão ha dias.

— A imprensa independente, a que não está ás ordens do governo, condemna o acto do ministro da guerra, que exonera de professor do Real Collegio Militar o nosso honrado correligionario, sr. João Baptista Ribeiro Coelho, ura dos ornamentos do professorado. Este distincto cavalheiro foi dos que fallou na reunião do dia 5, mas porque levantou alli a sua voz auctorisada contra as demasias do governo, foi condemnado a perder o logar que ha quatro annos exercia com notavel exactidão e proficiencia. O facto escandalisou tanto a opinião, que o proprio *Diario Popular*, tratando do caso, diz: «que factos d'esta ordem fazem mais mal ao governo que quantos decretos dictatoriaes elle tem publicado.» E é exacto o asserto do collega. Dos decretos dictatoriaes ninguem faz caso, porque não teem importancia legal, e estes actos de intolerancia provam até que ponto o governo leva os seus odios contra os adversarios. A parte do discurso do sr. Ribeiro Coelho, que fundamenta o acto do governo, é naturalmente a que se contém no seguinte:

«Entende tambem que o partido não deve limitar-se á abstenção. O partido progressista não é apenas um partido ligado pelo cordão umbelical á monarchia, é tambem um partido da patria. Mas não concorda em que se vá mais uma vez ao rei. Já lá foram os representantes do partido progressista. A verdade é que o chefe do Estado tem, como todos os chefes de Estado, uma costella absolutista. Nenhum rei tolera de bom animo o regimen constitucional. Crêr n'isto é uma utopia. Não se espanta com o procedimento do rei. Espanta-se que lá vão pedir-lhe: *albarda, real senhor!* A respeito de representação nacional já não ha. E o partido progressista não póde ir pela quarta vez ao paço. Chega a ser indecoroso. Abstenha se, não cruze os braços, 3 caminhos ha a seguir: revolução, abstenção e dissolução. Pela revolução não se pronuncia agora porque seria a ruina da patria. Por isto e só por isto. O partido progressista deve reedita e explanar o seu programma, definindo bem que as suas aspirações se identificam com as necessidades da patria. Protesta contra os tyrannetes, contra este absolutismo dos *paguem e não buffem*. Luctar, pois, contra os tyrannetes, e reorganisar a valer o partido progressista.

Ora é verdade que o partido republicano em 4 mezes tem andado mais que o que tinha conseguido em 40 annos. Que o partido progressista ponse n'isto, que faça uma propaganda activissima, de todos os modos, contra os desmandos do poder. Se nós, por uma lucta feroz e intransigente, nos oppozermos aos tyrannetes que nos opprimem, salvaremos a patria. Por isso entendo que o partido não deve seguir a idéa do orador antecedente. O rei tem obrigação de fazer o que deve. Não vae lá elle. Não por odio á monarchia, mas sim porque se o povo tem deveres a cumprir tambem a corôa os tem. O partido progressista deve seguir com firmeza o seu caminho. Se ha soffregos do poder que olles saiam, se ha irrequietos que se contenham. Elle precisa desmentir os que affirmavam que a abstenção é a morte e provar-lhes, ao contrario, que a abstenção dá a vida. A abstenção impõe-se tambem por necessidade para repellir todos os accordos. A patria alenta-nos com as suas esperanças. Mostremo-nos dignos d'ella e se fôr preciso morreremos por ella, porque morreremos bem.»

— A questão do Nyassa continua a produzir os seus naturaes effeitos. O sr. visconde d'Asseca, que faz parte da direcção, mas da parte limpa, deu já a sua demissão de empregado do Paço, e sua esposa de dama da Rainha viuva.

— A conservação do sr. Pedro Victor na administração da Casa Real está depondo muito contra o governo. El-Rei que o conserva no alto emprego que desempenha, é porque o considera isempto de culpa. Mas n'este caso, em que posição fica o governo perante o juizo d'El-Rei? Nas faltas commettidas ha decerto culpados—ou o governo ou o sr. Pedro Victor. Este respondeu triunfantemente na carta que publicou, e á qual o governo não responde. Logo o governo é reu dos crimes praticados, e apesar d'isso El-Rei conserva-o na posse das pastas que lhe confiou. Muito baixo e muito condemnavel tudo isto.

— Gravissimas difficuldades financeiras assediam o governo. De fóra chegam exigencias que o põem em gravissimas torturas.

— O sr. conde de Burnay partiu hontem para o estrangeiro—dizem uns que em serviço do centenario Antoniano; dizem outros que em serviço do governo que se considera em graves apuros financoiros. Mais tarde saber-se-ha ao certo o que motivou a sua partida.

— O sr. conde de Ficalho, tambem empregado superior da casa d'El-Rei e em obediencia ás suas determinações, pediu a sua demissão de director do Caminho de Ferro da Beira Alta.

— O sr. dr. Antonio Vianna, herdeiro d'um grande nome, saiu com sua ex.ma esposa em viagem de recreio para o norte do paiz.

— A sr.ª D. Adelaide Sophia, viuva do sr. D. Miguel de Bragança, enviou o seguinte telegramma ao sr. conde da Redinha:

Maiz, 15, ás 11 h. 20 m.—Conde da Redinha—Diga á familia de Francisco de Lemos Ramalho que de todo o coração chóro com ella o amigo dedicado e fiel que perdemos.—*Adelaide.*

E foi decerto um bom e fiel amigo da dynastia proscripta, o illustre morto.

— Ao terminar ante-hontem a sessão do conselho de administração geral das alfandegas, recolheu a casa com uma forte bronchite asthmatica o nosso amigo sr. conselheiro Fernando Mattoso Santos. Por isto não compareceu no jantar offerecido ao ministro do Brazil. O incommodo felizmente passou e o honrado par do reino eleito ultimamente por esse districto, está bom, o que é motivo de prazer para os seus verdadeiros amigos.

— Dá-se aqui um facto grave. E' um acto de chantage, de baixa e suja chantage, que se descreve assim:

Está preso desde terça-feira, diz o «Diario de Noticias», e incommunicavel, ás ordens do sr. juiz Veiga, o conhecido escriptor Carlos de Mello, professor do Instituto Commercial e Industrial de Lisboa. Um crime profundamente triste e repugnante motivou esta prisão. Ha dias o sr. ministro dos negocios estrangeiros chamou o sr. juiz Veiga e participou-lhe que Carlos de Mello o procurara para o avisar de que surprehendera uma vergonhosa trama urdida contra o referido ministro, a qual consistia na publicação, em folheto, d'uns artigos diffamatorios começados já a sahir no jornal «A Batalha» e que deviam continuar. Declarando proceder assim por intenção amigavel, e por saber o ministro tambem muito affeçoado ao seu particular amigo dr. Carlos Tavares, Carlos de Mello assegurou que por 200$000 réis podia fazer abortar tal plano e cessar a publicação dos artigos. Em vista d'esta participação, em que havia um caso de «chantage» evidente, o sr. juiz Veiga aconselhou o ministro a que de novo ouvisse Carlos de Mello, levando-o a acceitar o dinheiro, e a passar o recibo respectivo em que consignasse o fim para que recebia aquella quantia. Com effeito, assim succedeu, assistindo ao facto, sem serem vistos, o sr. juiz Veiga e duas testemunhas idoneas. Apenas Carlos de Mello passára e assignára o recibo, e se apossára do dinheiro, o sr. juiz Veiga apresentou-se, dando lhe voz de preso, apprehendendo o papel e as notas do Banco, e mandando o para o governo civil. Alli, Carlos de Mello fez, segundo consta, a mais completa confissão do seu crime, allegando, como unica attenuante, que precisava muito de dinheiro. Carlos de Mello tinha inventado que o auctor dos artigos da «Batalha», o qual se vendia, era Lucas José d'Almeida. Nunca existiu individuo com tal nome, como o proprio Carlos de Mello já confessou. Os artigos eram do proprio Carlos de Mello, como este tambem declarou, subsistindo apenas suspeitas de que lhe haviam sido encommendados, e elle queria comer a dois carrinhos. Pelo menos é o que parece deprehender-se d'outros depoimentos já feitos. E' profundamente deploravel que um tal facto se desse mas as provas são completas e absoluta a confissão do reu. Por honra da imprensa, sem distincção de partidos, todos devemos estygmatisar tão baixos processos. A posição social do delinquente aggrava, infelizmente, a triste significação do caso.

O facto, porque se dá entre partes que tem a importancia social que todos conhecem, produziu aqui o effeito que é facil de calcular. O criminoso pertencia ao partido republicano e foi um dos seus mais fervorosos apostolos, e digo, pertenceu, pois que a parte honrada d'aquella agrupação decerto o terá affastado já das suas fileiras.

— O sr. visconde de Asseca convocou os accionistas da Companhia do Nyassa para uma assembléa geral ordinaria em 1 de junho. Esta assembléa, segundo se diz no aviso, é convocada e deliberada em conformidade com o artigo 184.º do Codigo Commercial.

— Regressou já a Lisboa o nosso illustre e respeitavel amigo sr. Custodio Neves Borges de Carvalho. S. ex.ª esteve algum tempo na sua casa de Penafiel, onde é verdadeiramente querido e respeitado e onde dispõe de verdadeira influencia.

— Foi exonerado a seu pedido o sr. Almeida de Eça do cargo de commissario régio da Companhia das Pérolas de Bazaruto, sendo nomeado para o substituir o sr. Gomes Coelho.

— Ante hontem, á hora de encerrar o expediente, deu entrada no ministerio da marinha um requerimento do par do reino sr. visconde de Asseca pedindo certidão do parecer da procuradoria da corôa, isto para sua defeza. Como se sabe, o sr. visconde de Asseca está ao serviço do paço e, vendo-se envolvido na questão do Nyassa, questão que levou o sr. D. Carlos a dispensar do seu serviço os funccionarios que pertençam a companhias coloniaes, quer justificar-se e precisa do parecer em virtude do qual foi o caso affecto aos tribunaes. E', pois, natural e de direito que o sr. ministro da marinha defira a petição.

— Acaba de chegar aqui uma commissão de cavalheiros respeitaveis de Santarem commissionados pelos viticultores do concelho, a fim de entregarem á Sociedade d'Agricultura, uma representação, que por esta via será entregue aos poderes superiores, pedindo promptas e energicas providencias contra o fabrico de vinho artificial. E' muito para lamentar que se esteja fazendo uzo de tão condenavel industria.

— Parece que será publicado ámanhã um decreto dictatorial modificando algumas disposições do decreto de 15 de setembro de 1892, na parte relativa a processos crimes, estabelecendo regras para se facilitar o pagamento das custas dos réus e para obrigar ao respectivo pagamento os que se recusem a fazel-o, tendo para isso meios. Os pagamentos serão em prestações. E' obvio o alcance do decreto, que parece foi hontem á assignatura régia.

— Reuniu hontem a assembléa geral da Companhia Portugueza de Fiação e Tecidos de Lã, sob a presidencia do honrado sr. visconde de Valmor, secretariado pelo sr. dr. Souza Cavalheiro. Foram unanimemente approvadas as contas da gerencia do anno findo, procedendo-se em seguida á eleição dos corpos gerentes, que deu o seguinte resultado: Meza da assembléa geral—Presidente, visconde de Valmor; vice-presidente, Antonio Pereira de Carvalho; secretarios, dr. Adriano Emilio de Souza Cavalheiro e Francisco Antonio Victor Pereira Araujo Peres. Direcção — Presidente, Carlos Alexandre Munró; vogaes, conselheiro Alfredo Pereira e Alfredo Pereira da Costa; supplentes, barão d'Almeida Santos e dr. Adriano Emilio de Souza Cavalheiro. Conselho fiscal—Effectivos, Francisco Ribeiro da Cunha, dr. João Simões Pedroso de Lima e Luiz Virgilio Teixeira; substitutos, Ricardo O'Connor E. Shirley e José Bernardino Gonçalves Teixeira.

— O Tribunal da Relação confirmou, na sua sessão de ante-hontem, e por unanimidade, o despacho de pronuncia contra o administrador do concelho de Porto de Moz, accusado de abusos d'auctoridade.

— O sr. conselheiro Mathias de Carvalho, que devia seguir hoje com sua ex.ma esposa para Roma, onde desempenha o alto cargo de nosso representante alli, não póde partir por falta de logar no *Osopera*, que seguiu para o norte.

— Vão ser aposentados os parochos: Joaquim Villas Boas, de Santa Eulalia de Palmeira, concelho de Espozende com a pensão annual de réis 228$000; e Joaquim Cardoso, de S. Cypriano, concelho de Rezende, com 300$000 réis.

Y.

—

A' ultima hora. — Tem feito bastante impressão aqui o artigo do *Correio da Noite* de hoje, que tem por titulo—*O Caso da Chantage.* Effectivamente o crime que tem sob ferros Carlos Brandão, não se teria verificado se o sr. ministro dos estrangeiros o não tivesse auxiliado, tornando-se por isso cumplice no facto criminoso. E' um caso grave, que a justiça terá de apurar. O final do artigo diz:

. . . . . .

«Esta é a questão legal, que pertence aos tribunaes estudar e resolver. Mas, condemnando com todas as nossas forças o procedimento do diffamador, não podemos deixar de lamentar que um ministro da corôa, em vez de recusar a proposta que lhe fôra feita, aguardando a realisação da ameaça e diligenciando apenas obter a prova d'esta para opportunamente fazer punir o miseravel, se prestasse a representar o papel que a policia lhe distribuiu, lovando-o por *promessas e meios fraudulentos* a commetter o crime. Esta não é propriamente a tarefa dos ministros da corôa. Prevenir e descobrir crimes é a obrigação da policia. Provocal-os, *determinal-os por meios fraudulentos, facilitar ou preparar a sua execução*, nem é a missão da policia, nem a dos ministros. E' profunda a nossa decadencia moral, mas estes espectaculos não concorrem para a diminuir, antes a aggravam, e põe em maior evidencia. Um ministro, no seu gabinete, a manobrar, como beleguim policial, ás ordens do juiz Veiga, é extraordinario e unico!»

Effectivamente o caso é gravissimo e a opinião publica está-o verberando severamente. Um ministro a preparar um crime... é caso novo.

— Acabam de chegar do Brazil 282 emigrantes, que regressam ás suas terras em más circumstancias. São todos do norte do paiz.

Y.

Companhia Nyassa-Panamá

Damos em seguida publicidade aos documentos contidos no segundo folheto, ultimamente publicado, sobre negocios do Nyassa:

Ill.mo e ex.mo sr.—Do senhor commissario regio, junto da Companhia do Nyassa, recebi um folheto assignado pelo conselheiro João Marcellino Arroyo, no qual este senhor pretende justificar-se das arguições que eu e o sr. Proença Vieira fizemos aos actos de s. ex.ª e de outros administradores d'esta Companhia, n'um protesto que dirigimos ao sr. commissario regio, e que este entendeu dever submettel-o á apreciação do sr. Arroyo, antes de o depôr nas mãos de v. ex.ª.

Como, no seu folheto, o sr. Arroyo principia por pretender justificar a sua posição na companhia do Nyassa, affirmando ser administrador e presidente d'ella, negando que tivesse pedido a sua demissão em 26 de janeiro, e isto fundado no facto de não apparecer na acta d'essa sessão noticia de tal pedide, envio a v. ex.ª o protesto publico que sobre haver tal omissão n'essa acta, foi feito em 15 de abril pelo administrador sr. Mitchell, que n'aquella sessão de 26 de janeiro serviu de secretario. Como se vê, pela propria acta incompleta, estiveram presentes a essa sessão os administradores Arroyo, Proença Vieira, Centeno, Mitchell e visconde d'Asseca, e do conselho fiscal Coelho de Carvalho e Paulo Chaves, e commissario régio. Pois o allegado no protesto do sr. Mitchell foi considerado em sessão do conselho de administração de 20 de abril corrente, a que assistiram Mitchel, Proença Vieira, visconde d'Asseca e Coelho de Carvalho, como sendo a expressão da verdade, e foi resolvido que a acta da sessão de 26 de janeiro se considerasse rectificada e completada pelas affirmações do protesto do sr. Mitchell, que foi mandado transcrever na acta.

Portanto a maioria das pessoas que assistiram á sessão de 26 de janeiro affirmam que n'essa sessão o sr. João Arroyo leu uma carta dirigida aos seus collegas na administração, pedindo a demissão do cargo de administrador e que esta lhe foi acceita, deliberando-se logo communicar ao conselho fiscal este facto para que preenchesse a vaga. Sete vogaes assistem á sessão de 26 de janeiro, quatro affirmam o facto da demissão do sr. Arroyo, e o sr. Paulo Chaves tambem o não póde negar porque assignou a acta do conselho fiscal em 28 de janeiro *nomeado o sr. Eça para preencher a vaga deixada pelo sr. Arroyo.* O sr. Prado não assistiu, nem ainda chegara a Lisboa n'essa data, por isso não pode contraditar-me.

Temos pois cinco individuos a affirmar uma coisa que o srs. Centeno e Arroyo negam. Se temos o numero não precisamos discutir a qualidade.

Confiava s. ex.ª, o sr. Arroyo, para o seu acto de audacia de reassumir a presidencia em duas coisas: no desapparecimento da sua carta, que ficara no escriptorio do sr. Centeno, e que teve a sorte de muitos outros documentos, e na supposisão de que na acta do conselho fiscal não estivesse exarado o motivo da nomeação do sr. Eça.

Com o primeiro podia s. ex. contar confiadamente, porque lá estava o sr. Centeno; com o segundo é que não, porque o conselho fiscal seguiu sempre, até então, a boa doutrina de não considerar como vagas do logar de administrador senão aquellas, que se dessem, ficando o numero de administradores inferior a nove, porque os estatutos da Companhia dizem no artigo 32.º § 1.º *que o conselho administrativo não terá menos de nove vogaes*, e o sr. Coelho de Carvalho sempre disse entender que o conselho fiscal não podia nomear, salvo caso excepcional e por exigencia fundamentada do conselho de administração, mais administradores além d'esse numero.

Ora dava-se no momento da demissão do sr. Arroyo que o numero de nove administradores estava completo,ou pelo menos, havia duvidas se estaria ou não, porque não existia nas actas precisa prova de demissão o sr. Merck e nunca se poude alcançar que o sr. Centeno mostrasse a carta, em que o sr. Merck pediu em julho a demissão, pois na acta numero oito de 7 de janeiro de 1895 se declarou que os documentos relativos á Companhia *estavam confiados á guarda do sr. Centeno que os communicaria aos srs. Proença Vieira e Asseca quando voltasse* do extrangeiro. E regressando o senhor Centeno disse nada ter para communicar.

N'estas circumstancias os administradores da Companhia eram em 26 de janeiro: João Arroyo, Antonio Centeno,H. S. B. Mitchell,Barão de Merck, (?) Proença Vieira, George Winson, Jayme Batalha Reis, Visconde d'Asseca e José da Cruz, que ausente, não constava das actas que tivesse pedido a demissão sendo como o sr. Arroyo, um dos administradores nomeados por seis annos na escriptura de constituição da Companhia. Portanto em conformidade com a doutrina seguida, o conselho fiscal, nomeou o sr. Eça porque sahira o sr. Arroyo, aliás ficariam dez directores o que era contrario ao pensamento do Conselho Fiscal. E tanto era este o pensamento, que tendo ântes todo o Conselho e mesmo o sr. Arroyo desejo de fazer nomear o sr. conde de Mossamedes e, tendo-se chegado a lavrar uma acta d'esta nomeação, esta acta foi annulada pelo motivo acima exposto; e depois outras considerações determinaram a escolha da pessoa do senhor Eça.

O senhor Arroyo pediu a sua demissão, e foi-lhe acceita na sessão de 26 de janeiro e isto affirmaram sob a sua palavra de honra as pessoas que confirmaram o protesto do sr. Mitchell e eu appellaria ainda para o testemunho do sr. Commissario Regio,de quem tenho uma carta referente ao caso, se a maneira de proceder de este senhor me não tivesse surprehendido e admirado. Ainda assim nos annexos vão as copias d'umas cartas trocadas officialmente com o sr. Commissario, que esclarecem bastante a questão.

Mas não é de extranhar que o sr. Arroyo negue a verdade dos factos para justificar a sua volta a qualquer aggremiação, quando n'isso vae o seu interesse ou... uma vantagem assegurada. Soccorre-se S. Ex.ª ao facto de ter eu assignado *(eu só, veja-se bem)* umas certas cartas (sic).

Houve, é verdade, uma razão de benevolencia da minha parte que determinou o consentir que as actas,aliás só por mim assignadas, o que não basta, ficassem incompletas. Foi a seguinte: considerando a situação precaria da Companhia que carecia de todo o auxilio official e conhecendo como as *irrevogaveis* resoluções do sr. Arroyo eram revogaveis, e, não querendo prejudical-o um dia na sua volta ao conselho de administração por escolha da assembléa geral, condescendi com o sr. Centeno, em nao fazer questão da redacção das taes actas, porque dizendo o codigo commercial no artigo 172 § 1.º *que não determinado os estatutos que possa haver reeleição esta entender-se-ha prohibida* e como os estatutos da Companhia nada dizem, o sr. Arroyo não podia então voltar a ser administrador. Assim poderia passar o caso confiado em que o sr. Arroyo não viria negar o facto de sua demissão, e que, quando muito, quando estivesse mais esquecido, acceitaria um dia o logar que abandonara, se lhe conviesse, mas em assembléa geral.

Foi uma fraqueza da minha parte, mas antes de tudo, em vista do procedimento do sr. Arroyo, e da reclamação do sr. Mitchell, está a verdade dos factos; e, se isto é claro e fica restabelecido pelo protesto do sr. Mitchell e completada a acta de 26 de janeiro pelas declarações feitas pela maioria das pessoas que á sessão assistiram, é evidente que todos os actos subsequentes a essa sessão, e nos quaes se parece ignorar o facto da demissão do sr. Arroyo, não teem valor algum juridico porque este senhor deixou de existir para a Companhia como administrador, em 26 de janeiro. **Este é que é o facto.**

Emquanto ao que o sr. Arroyo diz sobre o contracto de 9 de março, desde o momento em que a situação d'este senhor na Companhia fica claramente definida pela narração dos factos passados na sessão de 26 de janeiro, não se póde admittir que seja tomado em consideração, porque quem não é administrador não pode intervir nos actos da administração e deve limitar-se a esperar pela assembléa geral para os discutir como accionista, se da escripturação da Companhia se provar que o é.

Em tudo quanto a esse contracto se refere reporto me ao que no protesto e exposição impressa e dirigida ao commissario regio, eu e o sr. Proença Vieira dissemos. Só direi ainda que o contracto de 9 de março estatue que o comité que se organisar em Paris acertará as contas com os credores da Companhia e liquidará as dividas do passado. Ha, entretanto, uma insinuação a paginas nove do folheto do conselheiro sr. Arroyo, que não resisto a levantar; é a que se refere ao nosso protesto sobre ter-se valorisado em cerca de 40:000 libras o credito do sr. Wilson sobre a Companhia.

S. ex.ª transcreve da acta (sic) n.º 15 uma resposta dada a Georama (Campbell) em que o conselho resolve sobre a reclamação de 39:334,L. 5, 5. Esta resolução foi trasladada definitivamente para inglez, dizendo que se concordava (agree), isto é, na substituição de 38:000 L. (alinea *a* da proposta de Campbell) pelas L. 39:334, 5, 5 que o auditor official apurara do exame dos livros. Mas terminava esse telegramma por dizer: Provided you declare that you will maintain your proposal as approved by us all on saturday. Ora a traducção d'isto era: *Os conselhos concordam, provado que você manterá a vossa proposta como foi approvada por nós, no sabbado.* E vamos a pag. 26 do folheto do sr. Arroyo e vemos sobre este caso da reclamação das 38:000 L. o seguinte: *Approvado, devendo a liquidação ser precedida da apresentação da conta de «Devedores e Credores», extrahida dos livros do comité de Londres, e effectuando-se a liquidação de forma a ficar assegurada a completa extincção de qualquer credito contra a Companhia do Nyassa.*

Nós protestamos contra o pagamento d'essa conta sem verificação da sua origem e da sua legitimidade,porque, como dissemos no nosso protesto, o codigo commercial, art. 173.º, § 3.º, não reconhece aos directores das sociedades anonymas o direito de negociarem com as sociedades de que são directores; e agora apparecem Wilson e sua mulher credores da Companhia por transacções feitas com esta.

O que o sr. Centeno queria e ainda ousadamente o declara é que a situação de Wilson para com a Companhia fosse tomada por qualquer grupo sem discussão nem exame, porque n'essa reclamação de Wilson, uma vez approvada e passada a terceiros, iam salvas as responsabilidades de Centeno, connexas com as de Wilson.

*

Emquanto á reunião dos administradores em 27 de fevereiro para tomar conhecimento das informações do sr. Mitchell, enviado por Wilson com uma carta dirigida ao conselho de Lisboa e munido de poderes do mesmo Wilson, diz o sr. Arroyo que affirma que tal reunião não teve logar e que o conselho não resolveu dar poderes alguns ao sr. Coelho de Carvalho! Affirma isto porque diz não existir acta d'essa sessão; mas do escriptorio da rua da Prata desappareceram muitos documentos. Mas da propria carta de poderes dada ao sr. Coelho de Carvalho se vê o que se tinha resolvido, e para reconstruir essa acta, isto é, a narração do que se passou n'essa sessão de 27 de fevereiro, basta ler a carta de poderes dada ao sr. Coelho de Carvalho e ajuntar-se-lhe a carta assignada pelo sr. Wilson e Carl Merck e mais a carta de procuração escripta por Wilson a Mitchell, para o representar. O sr. Mitchell tambem protestou contra a não existencia d'esta acta, e na sessão de 20 de abril foi resolvido reconstruir a acta de tal sessão pela fórma acima indicada.

*

Emquanto ao sr. administrador Eça só tenho a repetir o que eu e o sr. Proença Vieira dissemos no nosso protesto. Ao sr. Antonio Centeno responderei com a transcripção dos telegrammas, cujas copias authenticas foram entregues a v. ex.ª.

Por ultimo e bem alto repetimos que na nossa exposição e protesto mostramos que o contracto de 9 de março diverge muito vantajosamente do contracto de 28 de novembro: e emquanto á affirmação do sr. Arroyo de que este ultimo contracto de 28 de novembro já fôra julgado pelos tribunaes inglezes nullo e falso, diremos que sobre tal houve só o que narra o telegramma do sr. Vieira em 18 de março. Dizem mais os dois administradores que seguem o sr. Arroyo que o contracto de 9 de março deveria afinal ser submettido á apreciação do concelho. Mas não se fez outra cousa na sessão de 28 de março, para que foram convidados, todos aquelles que fazem parte dos corpos gerentes, dizendo-se na carta de convocação (annexo IV) o fim da reunião. Se aquelles dois administradores, a quem compete voto deliberativo e o sr. Commissario regio não compareceram a culpa não foi minha; a maioria reuniu-se e deliberou.

Deus guarde a v. ex.ª. — Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro José Bento Ferreira de Almeida, dignissimo ministro e secretario de estado dos negocios da Marinha e Ultramar.

ANNEXOS

I

TELEGRAMMAS TROCADOS ENTRE ALGUNS DIRECTORES DA COMPANHIA DO NYASSA E COELHO DE CARVALHO, SOBRE AS NEGOCIAÇÕES COM O GRUPO FRANCEZ.

(As copias authenticas foram entregues no Ministerio da Marinha)

Do sr. Vieira a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 4 março.—Confirmons vos pleins pouvoirs. Prions que Credit Industriel notifie Centeno officiellement depôt 6:500 livres rappellons necessité paiement 900 livres depenses courants faites avec employés Compagnie par Centeno.

*

Do mesmo ao mesmo:

Lisboa, 4.—Tout bien ici. Centeno parfait accord avec nous.

*

De Centeno a Coelho de Carvalho:

Em 4.—Campbell telegraphou pedindo instrucções officiaes visto tu o teres avisado que parasse tudo. Informa que devemos responder.

*

Do mesmo ao mesmo:

Lisboa, 4, á noite.—Embaçado com falta resposta tua, responde portanto porque é indispensavel manobrar aqui.

*

De Coelho de Carvalho a Centeno:

Paris, 6.— Tenho poderes, uso d'elles, isto deves responder a Campbell e não comprehendo outras manobras, visto tu receberes 7:400 libras e nada perderes, portanto deixa Campbell commigo.

*

De Coelho de Carvalho ao sr. Vieira:

Paris, 5.—Centeno diz nada saber e ser preciso manobrar ahi. Não comprehendo visto ter eu poderes e elle ser pago. Faça-o socegar e que deixe Campbell commigo. Peça-lhe mostre minha resposta.

*

De Centeno a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 5. — Urgente respondas meus telegrammas para definir attitude. Indispensavel ser avisado Credit Industriel deposito meu nome.

*

De Centeno e Vieira a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 6.— Campbell insiste reponse, pour eviter complications cablez instructions et notification que paiement promis effectué.

*

De Centeno a Coelho de Carvalho:

Recebi teu telegramma. Aguardo ancioso noticia official deposito Credit Industriel.

*

Do mesmo ao mesmo:

Lisboa, 7.—Vi telegrammas Vieira. Ainda não recebi participação Credit Industriel.

*

De Coelho de Carvalho a Proença Vieira:

Paris, 7, *março.*—Já sabia compra Wilson Merck, que não quizeram fechar contracto francez visto não porem não dinheiro. Fizemos arranjo provisorio e dinheiro para todos está depositado em Erlanger mas todos teem medo falta lealdade Centeno que recebendo 6:500 libras não nos ajude depois. Telegraphe logo se realmente se devem dar.

*

De Coelho de Carvalho ao sr. Vieira:

Paris,9.—Assignei contracto definitivo recebendo dinheiro 6:500 libras e valor pro nissorias e ficando companhia com 1:000 libras por mez até collocação acções a 4:500 tambem garantido.

*

De Coelho de Carvalho a Centeno:

Paris, 10. — Telegraphei Vieira condições contracto. Telegrapha tu Credit Industriel para teu nome tomar responsabilidade para com Nyassa pelas 6:500 libras de que poderás logo dispor. Contracto evita questão Millar que n'elle interveio tambem.

*

Dos srs. visconde d'Asseca e Proença Vieira a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 10.—Felicitons chandement. Demandons instruction complement accord avec Centeno. Indispensable effectuer depot pour liberer Centeno responsabilité permettant action franche. Rappelons necessité subvenir depenses courantes.

*

De Centeno a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 10.—Ai lu depeche envové Contrandré (Proença Vieira) confirme depêche aujourd'hui signée Asseca, Contrandré. Attends avis Credit.

*

Dos srs. Asseca, Eça e Vieira a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 11.—Urgent faire deposer Credit Industriel 6:500 livres au credit compte Antonio Centeno, depôt doit être fait par ordre Compagnie Nyassa que restera responsable envers votre groupe et Centeno responsable envers Compagnie. Ceci garantira tout; n'hezitez pas sinonen trons dans deboirs consecutifs.

*

De Centeno a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 11.—Comprometto-me empregar 6:500 libras resgate letras Wilson em garantia meu compromisso dou-te a ti. Não comprehendo como Credit ha de tomar responsabilidade e dispôr eu dinheiro. Urgente venha aviso official Credit hoje visto estarmos todos accordo.(assig.)*Antonio Centeno.*

*

De Coelho de Carvalho a Centeno:

Paris, 11.—Dinheiro para ti depositado hoje antes do meio dia no Credit Industriel Rue la Victoire. Agora conto com a tua amisade e dedicação.

De Coelho de Carvalho ao sr. Vieira:

Paris, 11.—Convem saberem que 3511 9136 1949 2268 6999 4924 2285 2766 3276 8510 5059 7247 7773 7141 8627 5324 5521 8565 6734 2143 8699 Moçambique 7833 8699 Zambezia 7833 prazos corôa 2268 2742 Wize Dulio 8525 Oceana agentes Cecil Rhodes sabendo por Merck 3366 4924 9987 2513 e partiram para Lisboa para evitar 2742 4924, mas felizmente tudo está feito e agora já os meus amigos comprehendem toda a questão e cotação Bolsa Paris.

Traducção d'este telegramma pelo sr. Eça.

Paris, 11 de março.—Convem saberem que affaire Nyassa fait par groupe français parce qu'il serait convenable pas aux interets politiques de toutes nation coloniale que l'Angleterre (avance plus sur la cote), ayant déjá mangé la Compagnie Mozambique e Zambezia et aussi prasos da corôa par contrat Vyse et Dulio avec Oceana. Agentes Cecil Rhodes sabendo par Merck proposition française, ils l'acheterent e partiram para Lisboa para evitar contrat français **mas felizmente tudo está feito** e agora já os meus amigos comprehendem toda a questão e cotação Bolsa Paris.

*

De Centeno a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 11.—Recebi telegramma Credit Industriel. Dize como posso eu dispôr dinheiro para mandar pagar letras Wilson se deposito é feito nomes Centeno, Wyler e Carvalho.

*

De Coelho de Carvalho a Centeno:

Paris, 12.—Podes dispôr porque nós declaramos Credit ser Antonio Centeno quem dispõe d'esse dinheiro 162:500 francos. Estás satisfeito? Com todos os diabos!

*

Do sr. Vieira a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 12.—Tout parfai. Paiement Centeno leve toutes difficultés. Satisfation générale. Cablez si votre groupe consentirais encorporer Campbell.

*

De Centeno a Coelho de Carvalho:

Lisboa, 13.—Obrigado. Estou satisfeito. Manda já mil libras para despezas correntes aqui.

*

De Coelho de Carvalho a Rovuma:

Paris, 18.—Consegui que grupo liquide situação Wilson pagando logo. Venha pois Centeno e tambem Asseca se quizer.

*

Telegramma do sr. Proença Vieira sobre a questão Millar, e qualidades de Godfray, Merck e Wilson, pessoas com quem o sr. Arroyo se tornou solidario:

Paris, 18, março.—Na questão Godfray o Coelho tinha razão porque combinara com Millar retirarem a questão do tribunal com fundamento no protesto que todos fizemos em janeiro contra venda acções feita pelo Wilson; o Millar assignava esse documento com Coelho e Mitchell. a companhia ganhava a questão e Wilson ficava responsavel individualmente por ter feito coisa illegal, entretanto visto seu telegramma conservando Godfray o Coelho obteve que Millar retirasse questão protestando pelos seus direitos contra quem devesse ser. Fica pois tudo suspenso e a companhia não foi condemnada como Vilson desejava para receber o dinheiro e salvar sua responsabilidade enterrando a companhia. Tenho convicção e entregarei a vossa excellencia documentos provando falsidade Vilson, Merck. Escrevo. Vieira.

II

ACTA DE 20 DE ABRIL

Aos vinte dias do mez de abril de mil oitocentos e noventa e cinco, n'este escriptorio da Companhia do Nyassa, Rua do Alecrim n.º 20 A, 1.º andar reuniu-se o conselho de administração da mesma companhia, devidamente convocado, estando presentes os excellentissimos senhores visconde do Asseca, presidente, André de Proença Vieira, vice-presidente, H. S B. Mitchell e Jayme Batalha Reis, este ultimo representado pelo sr. Proença Vieira por procuração bastante. Tambem fôra convocado o conselho fiscal, estando presente o vogal dr. Joaquim José Coelho de Carvalho. Não assistiu o sr. commissario regio que, aliás, foi devidamente convocado.

Aberta a sessão o sr. presidente disse que convocara esta reunião especialmente para se tomar conhecimento d'um protesto publico que o sr. Mitchell entendeu dever fazer sobre o que lhe constava de haver omissões na acta da sessão de 26 de janeiro proximo passado, bem como de não ter sido lavrada a acta da sessão de 27 de fevereiro, em que se resolveu dar plenos poderes ao sr. dr. Coelho de Carvalho para reorganisar financeiramente a companhia em Paris ou Londres. Lido o protesto do sr. Mitchell resolveu se que fosse transcripto no livro das actas, declarando todos os vogaes dos conselhos presentes: 1.º—Que eram absolutamente exactas as affirmações do sr. Mitchell; 2.º que se devia considerar completada por essas declarações a acta da sessão de 26 de janeiro do corrente anno; 3.º —Que em quanto á acta da sessão de 27 de fevereiro tambem eram verdadeiras as asserções do sr. Mitchell, e que, por consequencia se refizesse a acta d'essa sessão,lançando-a incluida n'esta acta pela fórma seguinte: *Transcripção da carta do sr. Wilson*, na qual este dizia ter incumbido o sr. Mitchell de vir a Lisboa explicar a situação da Companhia em relação ao grupo chamado francez, tendo-lhe dado para isso poderes que serão transcriptos e ficam archivados e as explicações que foram dadas e que determinaram a resolução de mandar a Paris o sr. Coelho de Carvalho com plenos poderes para reorganisar financeiramente a companhia pela melhor forma que entendesse, bem como para a organisação dos comités no estrangeiro. Tambem n'essa sessão se considerou que a companhia não estava de fórma alguma obrigada a fechar contractos com o sr. Campbell ou o Ibo Syndicate e que eram para considerar as ligações que o sr. Mitchell dizia encontrar já desde o anno anterior com a casa Millar & Llewllyn, da qual, aposar d'isso o conselho nunca ouvira fallar. Estiveram presentes a essa reunião dos directores, no dia 27 de fevereiro os ex.mos srs. visconde de Asseca, Proença Vieira, Almeida d'Eça, Mitchell e Coelho de Carvalho, apparecendo no fim o sr. Antonio Centeno que declarou concordar com a ida do sr. Coelho de Carvalho para Paris, para o fim indicado, promptificando-se a adeantar algum dinheiro para essa viagem e dizendo que sabia das relações do sr. Wilson com a casa Millar & Llewllyn, acreditando porém, muito pouco na importancia do negocio feito em França, mas que em todo o caso como tinha plena confiança no seu amigo Coelho de Carvalho se lhe entregava nas mãos inteiramente, comtanto que elle arranjasse bastante dinheiro para a Companhia e que antes de tudo ficassem garantidas as responsabilidades d'elle Centeno em letras assignadas tambem por George Wilson, responsabilidades que montavam a seis mil e tantas libras.

Todos os presentes a essa reunião de 27 de fevereiro concordaram que era necessario acabar o mais rapidamente possivel com a situasão incerta em que a Companhia se encontrava emquanto á obtenção de fundos, e por isso recommendavam ao sr. Coelho de Carvalho que elle não se limitasse a receber propostas e formular projectos mas que fechasse negocio que désse dinheiro immediato á Companhia. E não havendo mais nada a tractar escreveu se a carta ao sr. Coelho de Carvalho e mandou-se reconhecer ao tabellião, fechando-se a sessão.

Ficam, portanto, assim confirmados os fundamentos do protesto do sr. Mitchell; e passando-se a outros assumptos, resolveu-se mais exarar n'esta presente acta que a séde da Companhia que provisoriamente funccionou na Rua da Prata, 145, ficou definitivamente installada na Rua do Alecrim n.º 20 A—desde 27 de março do corrente anno funccionando o conselho de Administração sob a presidencia do sr. visconde d'Asseca. Resolveu se encarregar o sr. Batalha Reis de inspeccionar as delegações, agencias e serviços da Companhia em França e em Inglaterra, em conformidade com a alinea f do artigo 37.º dos Estatutos da Companhia. O sr. presidente interrompeu a sessão para se lavrar a presente acta e voltando todos os vogaes a occupar os seus logares foi reaberta a sessão, lida a presente acta e approvada por todos que commigo secretario a assignaram.

Visconde d'Asseca, presidente; *A de Proença Vieira, H. S. B. Mitchell, J. J. Coelho de Carvalho.*

PROTESTO DO SR. MITCHELL

L 750 F.s 13 v.º

Saibam quantos virem este instrumento de declaração e protesto que no dia quinze do mez de abril do anno *do* digo *do* nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e noventa e cinco, n'esta cidade de Lisboa, na rua da Boa Vista numero cento e vinte e quatro, primeiro andar, freguezia de S. Paulo, no meu escriptorio compareceu Henrique Santhiago Baldomero Mitchell, casado, negociante, morador no Hotel Braganza d'esta cidade, meu conhecido.

E disse, na presença das testemunhas adeante nomeadas e assignadas:

Que constando-lhe que da acta que no livro respectivo se lançou na sessão do conselho de administração da companhia do Nyassa, em vinte e seis de janeiro proximo passado, não consta coisa alguma ácerca do pedido de demissão do sr. conselheiro João Marcellino Arroyo, do cargo de vogal do conselho d'administração d'aquella companhia, e sendo esta omissão contra a verdade dos factos occorridos n'essa sessão, vem por este meio protestar contra essa omissão, porquanto é certo que no fim da sessão á qual aquelle senhor conselheiro presidiu, servindo elle, declarante, de secretario, e estando presentes tambem os administradores visconde d'Asseca, André de Proença Vieira e Antonio Centeno, e assistindo o senhor commissario régio e a toda a sessão o sr. Coelho de Carvalho, do conselho fiscal e a parte d'ella o sr. Paulo Chaves, do mesmo conselho, depois de se discutir uma certa proposta feita pelo sr. Campbell, o senhor conselheiro Arroyo, antes de levantar a sessão leu e deixou sobre a meza um officio dirigido aos senhores Asseca, Centeno, Proença Vieira e a elle declarante, no qual s. ex.ª dava a sua demissão do cargo de administrador da companhia do Nyassa; e insistindo s. ex.ª em tal resolução foi-lhe acceita, resolvendo o conselho informar logo o conselho fiscal para que, sem demora, fosse prehenchida a vaga; e como o senhor Coelho de Carvalho fosse logo encarregado de sollicitar alguma das pessoas das que foram lembradas como idoneas, por *varios* tornados, digo *motivos* para tomar o logar do senhor Arroyo, o senhor Coelho de Carvalho pediu que lhe communicassem por escripto o facto da sahida irrevogavel do sr. Arroyo porque isso lhe facilitaria a missão, e o declarante, como secretario, depois de ter lavrado a minuta da acta, escreveu duas cartas, uma para o sr. Campbell sobre a proposta d'este, e outra ao conselho fiscal, guardando esta o sr. Coelho de Carvalho.

Como n'essa mesma noite (a sessão acabou ás seis horas) teve elle declarante, de partir para Pariz no *sud-express*, não poude, como secretario da companhia, assistir á transcripção da minuta da acta para o livro respectivo, que não sabe quando nem por quem foi feita. A verdade dos factos é esta absolutamente, e por isso, deve ser considerada essa acta como incompleta, e o sr. Arroyo como tendo deixado de fazer parte do conselho de administração da companhia do Nyassa.

Voltando o declarante a Lisboa em vinte e cinco de fevereiro, por negocios da companhia, assistiu a uma reunião dos vogaes do conselho, no dia vinte e sete do mesmo mez, na qual encontrou o senhor Almeida d'Eça, que não conhecia e que lhe disseram ter entrado por indicação e recommendação do senhor Julio de Vilhena, por occasião da sahida do sr. Arroyo, e que as difficuldades de faltas de relações nas altas regiões politicas que se receava pela sahida do senhor Arroyo, tinham sido sanadas pela nomeação do senhor Eça, protegido do sr. Vilhena e pelo appoio do sr. doutor Marçal Pacheco, que tendo recusado o logar de administrador e presidente da companhia acceitára ser advogado consultor.

Esta reunião de vinte e sete de fevereiro, teve logar para se tomar conhecimento da communicação que elle declarante viera fazer sobre a existencia de um grupo francez e n'ella foram dados plenos poderes ao sr. Coelho de Carvalho para reorganisar financeiramente a companhia, e agora ouve elle declarante dizer que tambem d'esta sessão não existe acta no livro respectivo; por isto, vem elle declarante, pelo presente instrumento e pela melhor fórma de direito protestar contra esta falta, se bem que a propria carta de poderes diga tudo quanto ahi se resolveu. Essa carta foi assignada por tres administradores presentes e tambem o teria sido por elle declarante, se não acompanhasse o sr. Coelho de Carvalho a Paris.

Adeante será pago por estampilha o sello de mil réis. Assim o disse e declarou como protesto, sendo testemunhas idoneas os srs. Francisco da Roza Mendes, casado, empregado no commercio, morador na rua dos Cavalleiros, numero cento e dez, freguezia do Soccorro, e José Martins, solteiro, maior, empregado no commercio, morador n'esta rua da Boa Vista e aqui visinho, os quaes assignam com o declarante, depois de este instrumento lhes ser lido:

E eu, José Xavier Silveira da Mota, tabellião publico de notas da cidade de Lisboa o fiz escrever e assigno em publico e raso.

H. S. B. Mitchell—Francisco da Roza Mendes—José Martins.

Em testemunho de verdade, o signal publico.

O tabellião José Xavier Silveira da Mota. Logar de uma estampilha do sello de mil réis legalmente inutilisado, assim como as estampilhas da respectiva contribuição industrial.

E eu dito tabellião José Xavier Silveira da Mota este instrumento fiz trasladar do meu livro de notas, a que me reporto, numerei, rubriquei, subscrevi e assigno em publico e raso.

Em testemunho de verdade.—(a) *Tabellião José Xavier Silveira da Mota.*

(No proximo n.º daremos a conclusão).

PORTUGAL NO ORIENTE

E' do *Correio de Portugal* o seguinte artigo:

Para que temos ainda padrões de dominio no vasto Oriente? A pergunta que assim por vezes fazem muitos portuguezes d'estes tempos de decadencia esquece pelo menos a grandeza que, sob certo aspecto, a nossa influençia na Asia offerece ainda. Não seria mau que o paiz olhasse por momentos para a obra que alguns venerandos principes da Egreja luzitana andam a realisar n'essas parageus, onde outr'ora o genio da nossa raça consummou uma das maiores epopéas modernas. Bom seria tambem que achasse ainda um ecco, n'esta metropole indifferente, a voz de um apostolo benemerito que, deixando a sua prelazia de Moçambique, para tomar parte no Concilio de Gôa, teve occasião de sentir emoções extraordinarias sobre esse immenso Industão semeado de ruinas do nosso imperio. Era elle grande realmente, esse imperio portuguez, na memoravel pe-

---

159 **FOLHETIM**

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA 1.ª PARTE

VINGANÇA DE MAGDALENA

VI

HUMILHAÇÃO

Tal era o fim de Rodolfo. Mas poderá dizer-se: se a sua attitude sinistra e aggressiva não passava de ameaça, porque tinha vacillado? Rodolfo era um depravado, um louco, que acceitava tranquillo todas as situações da vida, e que sabia avançar desde a offensa até ao crime sem commover-se nem perturbar-se; mas no fundo da sua alma guardava um resto das santas maximas que o pae de André lhe incutira; por conseguinte, ao collocar-se n'uma situação extrema e desesperada como aquella, batia-lhe o coração e a mão tremia-lhe. Não se tratava de um inimigo forte e poderoso, mas de uma mulher debil e indefensa, de uma senhora cheia de piedade e de sentimentos generosos, de uma mãe, emfim, que acceitava como suas todas as desgraças, e que ao ler os versiculos do livro dos psalmos, despertara sem o saber a adormecida consciencia de Rodolfo. André, que, como dissemos, chegara á porta da sala momentos depois de Magdalena novamente se sentar, correu para esta, e sem deixar de dirigir em volta um vivo olhar, perguntou:

— Aonde está esse homem? quem é? que succedeu aqui?

Magdalena levantou para André os seus formosos olhos cheios de lagrimas, e enviando-lhe um sorriso, melancolico como o raio de sol deslisando atravez da chuva n'uma tarde de outono, respondeu:

—Nada, absolutamente nada, meu amigo.

— Oh, não! occulta-me alguma coisa e bem terrivel. Vi-a perfeitamente atravez d'aquellas grades, ameaçada pelo punhal de um assassino.

—Certamente foi illudido pelo exagerado cuidado que lhe inspiro. Nunca estive mais tranquilla, porque nada ha tão bello como fortalecer a alma com os preceitos d'este livro santo: n'elle medito depois do meu trabalho, não tendo temores que me assaltem nem remorsos que me afflijam, porque em meio das minhas privações domesticas,conservo a tranquilidade da consciencia. André comprehendeu a abnegação de Magdalena e guardou silencio; mas estando intimamente convencido de que não se enganara, embora aquella santa mulher se empenhasse em occultal-o, continuou dirigindo esquadrinhadores olhares em redor do gabinete, e de repente distinguiu sobre o pavimento um objecto que brilhava aos resplendores da luz. Antes de Magdalena poder evitar o movimento, André levantou o punhal que Rodolfo tinha deixado cahir.

—Ah! é certo! exclamou com energia, brandindo a arma.

Immediatamente abriu a porta do corredor, e correu para alli com a intrepidez propria do seu caracter energico e violento. Madgalena levantou se tremendo, alongou o olhar e os braços para o ponto por onde André acabava de desapparecer, quiz correr, gritar; mas ao reconcentrar-se em si mesma, oppressa pela surpreza e pelo terror, que lhe tiravam a voz e o alento, viu apparecer Paulo, que se lhe lançou nos braços, proferindo com voz suffocada pelas lagrimas:

— Mãe da minha alma!...

Seguiu-se uma pausa durante a qual a mãe e o filho se conservaram abraçados, até que por fim o ruido da porta ao abrir-se os fez estremecer e volver maquinalmente o olhar para o ponto em que o ruido tinha soádo.

Era André que entrava, pallido e colerico, agarrando um homem pelo braço. Já sabemos que ao encontrar o punhal e calculando que o inimigo de Magdalena não poderia ter-se escapado por outra parte, nem ter sahido de casa, a não ser durante os breves momentos que permanecera com Magdalena, André sahiu ao corredor, e começou a percorrel o com as mãos estendidas e preparado para a defesa, com o fim de descobrir o homem a quem perseguia. Rodolfo, quando se achára completamente ás escuras, procurára a sahida, mas não podendo dar com ella nem deliberar livremente sobre o que mais lhe convinha, pelo estado de agitação e de susto em que estava, seguiu para diante e tratou de occultar-se no mesmo dormitorio onde tinha passado as primeiras horas da noite. Cego pela escuridão, buscou a porta ás apalpadellas, e não podendo encontral-a, encolheu-se como hyena perseguida no ultimo angulo do corredor. A casualidade ou antes a Providencia, fez que André o surprehendesse.

— Não me mate! supplicou Rodolfo, respondendo talvez á secreta voz da sua consciencia, quando sentiu sobre a sua mão tremula e gelada a mão ardente de André, que parecia n'aquelle momento uma garra

Ouvindo o timbre d'aquella voz debil, André estremeceu, e procurando tranquilisar-se, puxou pelo braço de Rodolfo, arrastando-o até á sala de Magdalena. Entretanto travara se entre os dois uma lucta breve, mas angustiosa e rude, durante a qual a mão de André arrancou a Rodolfo a mascara com que se ocultava; de maneira que quando appareceu na sala e quiz reconhecer o inimigo, soltou um grito de surpreza. Tinha reconhecido Trindade. Magdalena abraçou seu filho, que desejava correr tambem ao encontro do que tinha pretendido assassinal-a traiçoeiramente, e disse a André:

—Perdoe-lhe como eu lhe perdoei!

Rodolfo estava envergonhado de si mesmo.

— Vela por nós a Providencia, volveu André solemnemente, e agora a tua propria consciencia te condemna. Chegaste ao extremo da perversidade; mas agora, Trindade, serei eu o teu juiz, e depois de julgar-te, entregar-te-hei aos tribunaes.

Rodolfo estava immovel e aterrado. Os seus olhos, fitos no chão, despediam de quando em quando relampagos de ira. Vendo-o sob uma nova face, isto é, reconhecendo n'elle o barão de Castelmare, Magdalena mostrava-se consternada. André, sem largar Rodolfo, tirou-lhe o rewolver occulto dentro da blusa, e soltou-o perguntando-lh :

— Para que vieste aqui?

Rodolfo sentia-se humilhado, o seu ultimo delicto fazia-lhe perder toda a importancia que desfructara até alli.

— Dize-nos o teu projecto, proseguiu André, porque se o não declarares, levar-te-hei de esta casa e matar-te-hei como o um cão!

— Se fallo succeder-me ha outro tanto, disse Rodolfo.

— Deixe-o, André, deixe-o! supplicou Magdalena. Já sabemos donde parte o crime projectado por este homem; mas o nosso dever é perdoar-lhe.

— Não se perdoam offensas d'este genero; e só poderia fazel-o, se nos dissesse qual foi o seu intento ao entrar n'esta casa.

Magdalena deixou-se cahir na cadeira, e André armou o rewolver, repetindo:

— Falla, Trindade, porque o dia da vingança chegou.

Magdalena sentia pelo infame uma commiseração profunda, e Paulo esperava com impaciencia as suas revelações. Rodolfo preparou-se para obedecer áquelle que tanto odiava e tinha odiado.

(*Continua.*)

ninsula industanica. Mas onde estão a ilha e o porto de Bombaim, chave do commercio do Levante? Nas mãos da Inglaterra, pelo tratado de casamento da infanta D. Catharina com o rei D. Carlos II. Que destino levaram as cidades, aldeias e fortalezas de Baçaim, Cassabé, Soporá e outras terras do norte? Obteve-as a Inglaterra, depois de haver ajudado vilmente contra nós o general hindu Chimanagi Apa e os marattas de Punem. Que sorte tiveram os nossos padrões da costa de Coromandel, os nossos monumentos heroicos de Paleacate, a cidade de Meliapor, os nossos dominios de Madrasta? D'ahi nos expulsou tambem a traição, atacada a fortaleza de S. Thomé pela tropa do forte de S. Jorge e conduzido a Londres, preso, ferido e roubado, o capitão-mór D. Antonio José de Noronha. E os nossos senhorios do golpho de Bengala, as cidades, feitorias e baluartes de Golim e de Chatagão?... De lá nos tirou ainda a força bruta, havendo Francisco de Barros cedido ás violencias do conselho inglez de Bengalla. E as nossas possessões de Mangalor e Canará?... Egualmente foram empolgadas pela Gran-Bretanha, que em 1790 se apoderou d'esses pontos com soffreguidão, depois de haver falhado a usurpação de 1768, pela fidelidade assombrosa de Aydar-Ali ao rei de Portugal. E a nossa esplendida ilha de Ceylão?... Do mesmo modo a tem a Inglaterra, que, pelo tratado de 1661, se a obtivesse dos hollandezes, teria de entregar-nos a cidade e o porto de Colombo. E temos apenas Gôa, e Diu, e Damão, e as christandades dispersas pelo theatro das nossas glorias e das nossas perdas, onde os prelados portuguezes do Oriente vão recordar com melancholia as primeiras, chorar com amargura as ultimas e continuar ainda assim a obra da fé dos nossos maiores que ligará perpetuamente á Asia o nosso nome! E oxalá que não esteja ahi bem figurado, sob todos os aspectos, o futuro da Africa luzitana!

Quem não desejará, no meio de tudo isto, conhecer as impressões de um illustre e benemerito portuguez que tomou parte no recente concilio de Gôa e percorreu em seguida a peninsula industanica? A descripção d'esse acontecimento e d'essa viagem tem muito mais valor se reproduzir as proprias palavras d'esse heroico prelado, e por isso limitar-nos-emos a transcrever, n'este ponto, o que diz o sr. bispo de Himeria na carta a que hontem nos referimos, dirigida ao sr. conselheiro Barros Gomes. Possa o paiz comprehender que é necessario auxiliar a obra dos nossos bispos do oriente, a fim de restaurarmos pela religião uma parte das nossas glorias. Eis as palavras do illustre prelado de Moçambique ácerca do concilio e da sua viagem:

«O Concilio de Gôa constitue, a meu vêr, um acontecimento notavel para o Padroado Portuguez, que muitas pessoas, sem conhecimento das coisas, suppõem morto, mas que afinal de contas está bem vivo. Ao inicial-o, o sr. Patriarcha das Indias estava commovidissimo por vêr realisado, com o auxilio de Deus, um dos seus mais ardentes e constantes desejos. Alli estavam ao seu lado e de boa vontade todos os Prelados do Oriente, para com elle tratarem de prover ao bem das suas dioceses. Todas as sessões publicas se fizeram com grande solemnidade, conforme as prescripções do ritual. A immensa cathedral de Goa Velha, uma das maiores que tenho visto, concorria para o augmento da magestade dos actos. Mas acima de tudo foi imponente a procissão em que foi levado o Santissimo Sacramento para a capella do novo paço patriarchal. Nunca vira tão numeroso cortejo. Havia cerca de trezentos padres e sessenta e tantas irmandades com suas bandeiras e opas. Iam o governador geral, o estado maior, os juizes e emfim todas as pessoas mais distinctas de Gôa. Mais de 15:000 pessoas tomaram parte n'esse prestito. Em todos se via um recolhimento notavel.

No cimo da collina onde está o palacio armara-se um magnifico pavilhão altar. D'alli foi lançada a benção a esse povo numeroso prostrado em adoração. O sol escondia-se por detraz das fortalezas da barra de Goa, dando um tom maravilhoso e santo ao quadro. Experimentava-se diante de tudo isto emoções excepcionaes e profundas.

Sómente os portuguezes crearam na India sociedades christãs; debalde se procuraria n'outra parte o mesmo. Nas Velhas Conquistas, sobretudo, a população é catholica e muito religiosa. Sob este aspecto são verdadeiramente exemplares os indios. A primeira consequencia natural do Concilio é a certeza geral de que o Padroado Portuguez tem elementos de vida e de força, e de que os Prelados do Oriente se acham unidos para o sustentar com esforçado empenho, por amor da fé e da patria. De todas as provincias ecclesiasticas do Oriente, a de Goa é a que tem mais bispos, mais clero e mais fieis. Goa continua a ser a Roma do Oriente e nenhuma outra cidade poderá usurpar-lhe essa honra. Do Concilio resultará tambem uma harmonia de disciplina e unidade de pensamento dirigente nas dioceses portuguezas do Padroado, em virtude da votação de leis ecclesiasticas communs. Ao mesmo tempo, e ainda por causa d'essas mesmas prescripções, augmentará por certo o bem das almas. Qualquer que seja o aspecto sob o qual consideremos o Concilio, é indubitavel que d'elle provirão grandes vantagens para o nome portuguez no Levante. Fechado o Concilio, só d'ahi a um mez poderia eu seguir para Moçambique, por falta de vapor directo. Resolvi, pois, percorrer, no entretanto, o Indostão.

Visitei a nossa missão de Belgão, onde os nossos jesuitas prestam optimos serviços. E' uma cidade militar. Os padres são os capellães dos soldados catholicos, tanto inglezes como nativos. Os soldados europeus são escossezes e muitos d'elles pertencem á nossa religião. E' realmente edificante ver esses homens assistir á missa, commungar e tomar parte nos outros actos do culto publico. Nada mais animador e nada tambem mais em antinomia com os costumes portuguezes. Aos domingos, de tarde, acodem á egreja grupos de soldados, para resarem o terço e receberem a benção do Santissimo Sacramento, cantando elles os hymnos com os padres e os outros fieis. Ao lado da missão está a casa das Irmãs Canossianas, destinada á educação das raparigas. Belgão foi outr'ora uma missão dos carmelitas.

Deixando aquelle ponto atravessei o Industão e fui parar a Madrasta. As egrejas do Padroado na cidade são cinco e todas muito frequentadas por fieis. Em Meliapor ha muitos christãos e em geral bons filhos da Egreja. E' uma diocese de grandes recursos. O Prelado tem quasi concluida uma bella cathedral, que, depois da de Goa, será a melhor de toda a India. Alli existe o tumulo que a tradição diz ser do Apostolo S. Thomé.

De Meliapor segui para Ostucinond, onde se sentia muito frio. A cidade esta situada n'uma montanha com 7:000 pés de altitude. Os inglezes, reconhecendo que este ponto era bom para sanitario, logo trataram de o aproveitar. Demorei-me ahi pouco tempo, dirigindo-me logo para Trichua, cidade nativa onde existem muitos christãos nestorianos do antigo schisma. São syriacos quasi todos os padres do bispo catholico. Segui depois para Cochim, de que gostei muito, sendo ahi numerosos os christãos. O actual Prelado comprou uma boa casa a um inglez, situada sobre as ruinas da nossa antiga fortaleza. Tambem alli ha Irmãs Canossianas, que educam muitissimas creanças. O seminario e escola industrial ficam ao sul, em Alapé. Alli ouvi portuguez, degenerado, mas ainda intelligivel.

Passei depois a Calicut, onde me receberam muito bem os jesuitas italianos. Ha alli muitos christãos, irmãs nativas e boas escólas. Tudo muito consolador para catholicos. Mas que tristeza para portuguezes, porque só encontram as ruinas da nossa passada grandeza! Vi muitas lapides com inscripções portuguezas. Tambem vi a antiga egreja. A nossa lingua é ainda fallada por algumas pessoas. Os padres guardam com religioso respeito as reliquias e os vestigios do nosso dominio. Os nomes de Vasco da Gama, de Affonso de Albuquerque, de S. Francisco Xavier, de Denobilis e de tantos outros, reviveram no meu espirito, que insensivelmente se absorveu na contemplação das grandezas da nossa epopea. Consola-me ao menos a idéia de que ainda por ahi existem communidades de christãos para attestarem o zelo dos nossos missionarios e a piedade dos nossos reis, já que se foram os padrões principaes do heroismo dos nossos guerreiros. A nossa tradição na India, digam o que disserem, não póde morrer nunca. A religião conserval-a-á perpetuamente. Em geral as christandades, sobretudo as da costa do Malabar, representam a obra espiritual e patriotica dos missionarios portuguezes. Portugal deve sentir orgulho com esta immortalidade conquistada pelos apostolos da sua fé!

Tomando caminho pelo centro da India, passei em Bangalar e cheguei novamente a Bombaim, a primeira cidade commercial do Oriente. Tem magnificios edificios, mas são quasi todos semelhantes, o que a faz monotona. Não me parece que a India seja um paiz naturalmente rico. Os inglezes, com a sua energia especial, é que a fazem render mais do que pareceria possivel. As populações são em geral miseraveis. A India participa, a meu ver, da indolencia africana. As raças que a habitam estão em geral depauperadas e enfraquecidas. A arte, tanto hindu como arabe, decahiu consideravelmente. Os velhos monumentos difficilmente se conservam, e não se levantam outros. As castas impedem todo o progresso material e moral. A parte illustrada já não crê em Brahma, é pantheista ou raciolista. Não rompe com o passado, por causa dos interesses proprios e em virtude do modo de ser social. Os inglezes teem espalhado largamente a instrucção, sobretudo a superior. A consequencia necessaria é haver mais homens habilitados para a vida publica, por todos desejada, do que logares para occupação de tanta gente. Com o ordenado de 25 rupias podemos ter um empregado com diplomas universitarios. A concorrencia dos candidatos é tão grande que o futuro se mostra sombrio. Haverá males terriveis se o hindu se não contentar com o arroz e o saial.

No dia 16 de fevereiro embarquei finalmente em Bombaim, chegando em 13 de março a Moçambique».

ASSUMPTOS DA BATALHA

Duplo attentado

Continuamos a mostrar os descontentamentos que lavram n'esta terra, pela demissão do nosso prestimoso amigo o sr. Victor dos Santos. E' doloroso este estado de cousas: e é repugnante o procedimento d'estes miseros esfaimados e imprudentes, que para coroar vilipendiosas façalhas, não se poupam a fazer as figuras, ainda as mais vergonhosas... Toda a gente conhece o rancor d'estes truões e todos sabem de quanto são capazes; mas nunca se imaginou que a um empregado digno, zeloso e bemquisto de todos coubesse a vez de ser victimado por uma turba infame, com o que tanto magoaram todos aquelles que n'esta terra tem a honra de pertencer ao numero das pessoas de bem!...

O sr. Victor exercia este logar havia 17 annos, isto com pequenas interrupções, não havendo, na sua larga vida publica, a mais minima nodoa que podesse deslustrar ou manchar o logar que lhe era destinado, pelos seus dotes e sãs qualidades, ao lado d'aquelles que se prezam de cumprir fielmente com os deveres do seu cargo.

Como em outro logar mostramos o movel de tão barbara affronta, foi a intriga... que, sempre propensa a estes cerebros tresloucados e rancorosos, plantou no livro negro da sua mistica historia, mais uma victima!!!

Se os leitores conhecessem estes biltres de forma humana, diriam, como nós, que parece impossivel como se confiem logares de responsabilidade a individuos, que pelas suas nojentas biographias, deviam ser expulsos da sociedade. E' com bastante magoa que nos propomos fazer o panegyrico, dos desmandos d'estes miseraveis; mas não podemos por mais tempo callar as violencias e impodississimas acções d'estes covardes, que graças á pulhice de um governo corrupto e immundo, consente que n'uma terra que se diz civilisada, vivam impunes taes monstros e exerçam empregos publicos.

Se perguntassemos ao sr. director das obras publicas a razão porque commetteu a indigna acção, e monstruoso attentado, de demittir um empregado honesto e assás cumpridor dos seus deveres, elle, se ainda lhe resta um bocado de nobreza d'alma, dir-nos-hia... foi a intriga!!! Se ainda lhe perguntassemos a razão porque deu ouvidos a essa intriga, pois conhece bem de perto os novelleiros, elle nos responderia, já fóra de si, *como quem da pergunta lhe pezara*, e com o seu rancor habitual, são cousas proprias do meu caracter...

Se o sr. Victor dos Santos, fôra um homem da laia d'aquelles a que acima nos referimos, com certeza que o sr. Victor não era demittido, e até cremos que fosse bem presenteado por sua ex.ª; mas o sr. Victor, que tem uma vida sem mancha, e possue um comportamento exemplarissimo, não póde por este facto: primeiro, transigir com estes lobos, sedentos do sangue humano; segundo, merecer a sympathia de um militar *digno* do logar que exerce, com uma *distincção* sem igual.

Os individuos a quem alludimos, são aquelles que n'esta terra primam de descredito, de covardia e de intrigas, escolhendo para sala das suas ignominiosas sessões, as casas... que teem á porta qor reclame, um ramo de louro... e no interior, por ornamento, o jogo, a taça, o cagirão e o copo!!!

Coopera n'este numero de deboxados, o nome do *muito digno* presidente da camara, filho do nosso heroe, o sr. director das obras pu... blicas, a quem os desnorteados mandões regeneradores, collocaram n'aquelle logar... sabendo mesmo, que collocaram na presidencia d'uma corporação, que devia dirigir os destinos d'um concelho inteiro, um completo analphabeto...

Isto vê-se na Batalha!!! e forjou-se um punhal, que havia de assassinar Carnot.

Em vista de tudo isto, cremos que, quem dá o signal para se mover esta ala de ebrios nojentos, é sem duvida o sr. director das obras publicas, porque, ainda conserva nos beiços o callo que lhe produziu o bocal do instrumento, que tocou em Torres Vedras, em 27, e por esta razão não se quer esquecer dos toques, com especialidade o de avançar...

Ficamos hoje por aqui.

Venham as ameaças, pratiquem mais poucas vergonhas, que não nos intimidam, como já lhe temos dito, nem nos callaremos.

Até breve. Z.

PELO ESTRANGEIRO

Ainda o assassinato do rev.º Broglie.—Demos já noticia no nosso n.º passado ácerca do assassinato, em Paris, do rev.º Broglie, irmão do duque de Broglie, referindo as principaes circumstancias em que uma antiga modista, mademoiselle Amelot, praticou o crime. A's informações que inserimos, é interessante accrescentar as notas seguintes:

No commissariado de policia, referindo os pormenores do assassinato, mademoiselle Amelot contou que, depois de disparar o seu rewolver sobre o sacerdote, tôra mudar de vestido, por que o que tinha se achava todo manchado de sangue. Lavou o rosto e as mãos. Depois desviou um pouco o corpo do padre, que lhe impedia a saíla, estendeu junto da porta uma grande rodilha a fim de que o sangue não escorresse para o corredor, e dirigiu-se a casa do seu confessor a contar-lhe o que succedera, indo d'alli entregar-se á prisão. Mademoiselle Amelot, depois de trabalhar muitos annos como modista, conseguira juntar economias que lhe permittiam uma vida independente. Desde então principiou a frequentar assiduamente as egrejas e as communidades religiosas. Mlle Amelot, que conta uns quarenta annos d'edade, é baixa, magra e de fisionomia pouco agradavel. Parece que desde algum tempo soffria da mania das perseguições, acreditando que o rev. Broglie e uma religiosa a calumniavam. Por diversas vezes proferira ameaças contra os dous. Ao receber em sua casa o sacerdote, que ia dar-lhe explicações ácerca das pretendidas calumnias, Mll Amelot fechou cuidadosamente a porta, afim de que o padre não podesse fugir. Depois despejou sobre o irmão do duque de Broglie todos os tiros do seu revólver. Uma bala foi alojar-se na nuca do sacerdote, outra cravou-se-lhe na face esquerda e a terceira atravessou-lhe a mão direita. As restantes não attingiram o desventurado padre.

Assassinio d'um banqueiro.—O sub-director do «Banco russo para o commercio estrangeiro» estabelecido na rua Quatro de Setembro em Pariz foi assassinado no domingo por uma amante com quem mantinha relações ha cinco annos e que se propunha abandonar. Chamava-se Carlos Jacob Glaser e a criminosa de nacionalidade ingleza, Helena Bouckley. Quando Glaser, depois de ter estado na Bolsa, voltava para o Banco, a amante abeirou-se d'elle na rua, ameaçando-o de fazer escandalo se não tornasse a casa d'ella. O banqueiro conseguiu socegal-a, levando-a para o seu gabinete, onde lhe deu doze mil francos em notas, que ella metteu no bolso. Um empregado que tinha assistido ao principio da entrevista retirou-se discretamente, mas apenas tinha dado alguns passos fóra do gabinete ouviu a detonação d'um tiro. Voltando precipitadamente encontrou Helena Bouckley ajoelhada aos pés do amante, empunhando um rewolver. Desarmando-a, sem que ella fizesse a menor resistencia, notou que o banqueiro estava morto. A bala, ferindo-o no pescoço, perfurára as vertebras cervicaes, matando-o instantaneamente; depois, sahira pela nuca, indo achatar-se contra a parede. Helena, que foi levada para o commissariado proximo, n'uma especie de estado idiota, denota ter 30 annos. E' baixa, trigueira e de physionomia pouco expressiva. Vestia de escuro e elegantemente. Natural de Boulton, está divorciada do marido e tem uma filha, que dizem ser formosissima. A victima contava 36 annos e era francez. Helena Bouckley declarou no commissariado que não queria matar o amante, mas apenas metter-lhe medo.

Morte tragica.—Em Pariz falleceu uma senhora, esposa de um banqueiro, occorrendo a sua morte no meio das mais tragicas circumstancias. Um official de cabelleireiro, estando a penteal-a, deitou-lhe nos cabellos uma substancia fortemente alcoolisada. De repente os cabellos começaram a arder, e a pobre senhora, que estava sentada, com a cabeça reclinada sobre o espaldar da cadeira, levantou-se e correu para o quarto, onde tratou de extinguir as chammas, envolvendo-se em cobertores. Quando o conseguiu, ainda teve coragem para ir a uma pharmarcia proxima, onde recebeu os primeiros curativos, mas as queimaduras foram tão graves, que todos os cuidados se tornaram inuteis.

Madame Gerson falleceu no dia seguinte. A pobre senhora tinha apenas 22 annos. O official de cabelleireiro, author do desastre, em lugar de a soccorrer, fugiu.

O Brazil e Italia.—Um despacho do Rio de Janeiro publicado nos jornaes inglezes diz que o governo do Brazil reconheceu a justiça das reclamações da Italia, devendo ter sido assignado já um protocolo que porá termo ás divergencias existentes entre os gabinetes de Roma e Rio de Janeiro.

Guilherme II e os pintores francezes.—Ha dias o imperador Guilherme II da Allemanha visitou, em companhia de seu irmão o principe Henrique da Prussia, a exposição artistica de Berlim e, parando mais de meia hora em frente das telas dos artistas francezes, exprimiu a sua admiração, exclamando: — *Diese Gemælde sind doch wirklich reizend! Das muss ich mir noch einmal ansehen.*— Estes quadros são realmente encantadores; eu voltarei.

Escapou de boa!—Na aldeia franceza de Laterie, uma pobre mulher correu grande risco de ser enterrada viva. Quando a levavam para a egreja no caixão, felizmente para ella fez um movimento, facto que causou estranheza, sendo o *maire* avisado do que succedia. Comparecendo aquella auctoridade e um medico, notou-se que o supposto cadaver não tinha nem a frialdade nem a rigidez da morte. Tratava-se apenas d'um caso de eclampsia, debellado com os cuidados que prestaram á pobre ressuscitada.

Cabellos em fogo.—A esposa do conhecido banqueiro parisiense Gerson achava-se no seu gabinete de *toilette*, fazendo-se pentear pelo seu cabelleireiro. Tinha a cabeça encostada ao respaldo da cadeira e longos cabellos pendiam-lhe para o pavimento. De repente, não se sabe bem como, pegou-se fogo aos cabellos, nos quaes se havia derramado um preparado com muito alcool. A pobre senhora correu para o quarto de dormir e rolou-se no leito, procurando abafar as chammas que a queimavam. A este tempo o cabelleireiro fugia. A misera teve a coragem de correr á farmacia mais proxima onde lhe foram prestados os primeiros soccorros. Mas Mme. Geron não tardou a morrer das horriveis queimaduras que recebera.

Actividade americana.—Nos paizes meridionaes como o nosso não se póde exigir grande actividade aos homens nem, portanto ás mulheres. A preguiça tudo invade; mas a culpa de tudo isto tem-a o sol, esse sol ardente que nos illumina e nos fatiga com os seus raios, e que não se póde comparar com o pallido sol da Inglaterra, da America do norte, etc. Sem sol que os torrifique, os *yankees* acostumaram-se a proceder rapidamente em todos os actos da vida. Ultimamente, assim se lê n'um jornal americano, durante um baile que se celebrava em New-York, foi um cavalheiro apresentado a uma menina, e quando acabou de dançar com ella estava tão loucamente apaixonado, que se apressou a pedir-lhe a mão. A menina acceitou, e como o dono da casa era sacerdote protestante, casou os dous desposados na presença de todos os convidados, meia hora depois de ter sido a joven pedida em casamento. Depois da benção nupcial os noivos ausentaram-se de New-York para irem passar longe d'alli a lua de mel. Não se sabe se a estas horas estarão já separados, mas tudo póde ser em vista d'esta actividade americana.

Liga commercial.—O *World* de New-York, diz que os commerciantes allemães e hespanhoes da America central estão cada vez mais empenhados em formar uma liga contra os interesses commerciaes inglezes. Apesar, porém, de todos os esforços feitos, apenas dous Estados déram a sua adhesão á interdicção proposta pela republica de Nicaragua contra a Inglaterra, e crê-se que não dará o resultado que se esperava a liga commercial contra tudo que tenha origem ou seja de proveniencia ingleza.

Os presentes nupciaes; nova moda. — Para os inglezes o mez de maio é a epoca do anno em que se celebram mais casamentos, e a este proposito indica um correspondente uma moda que começa a estar em voga em Londres, e que consiste em presentear os noivos com livros luxuosamente encarnados e de authores célebres. D'este modo os novos esposos pódem formar uma preciosa bibliotheca, como succedeu na boda recente de miss Peel, filha do ultimo presidente da camara dos communs, a quem a duqueza de Sutherland e outras damas illustres offereceram livros de muito merecimento. Realmente, não deixa de ser pratica esta moda, mas talvez nem todas as noivas a estimem.

Coisas do Egypto.—Depois de onze annos de captiveiro, conseguiu fugir das regiões saldanesas, agora fechadas á civilisação européia Slatin, a antigo tenente de Gordon, ex-governador de Darfour, no tempo em que as provincias africanas do alto Nilo reconheciam ainda a suzerania dos keedivas do Egipto. Na fuga gastou vinte e tres dias a chegar ao Cairo, onde a agencia diplomatica da Austria-Hungria lhe fez uma calorosa recepção. Slatin é um homem de 30 annos, de pequena estatura, olhos pardos, muito vivos, e um pequeno bigode louro. Falla rasoavelmente francez, mas com alguma difficuldade, devido ao longo mutismo que, durante o seu longo captiveiro em Khartoum, foi obrigado a guardar. No rosto não se lhe notam vestigios dos soffrimentos que soffreu. O novo kalifa não lhe confiou cargo elevado na côrte, mas deixou-lhe uma liberdade relativa. Era o guarda de Abdelai, o *boab* e o *sais*, isto é o porteiro e o correio. Durante dez annos, o seu papel consistiu em postar-se á porta do kalifa, esperando o momento em que elle sahia para o preceder no seu passeio nas ruas ou nos arrabaldes de Omdourman. De noite, quando o kalifa, feitas as orações, se recolhia, Slatin estava livre, podendo á vontade repousar n'uma pequena casa, que o seu senhor lhe concedera, ou passeiar, melancolico e só, sob o grande ceu estrellado de Africa, pensando nos seus, no Egipto, na Europa, na liberdade, mas sem poder transpôr os limites da cidade e sem poder crear relações no povo que o cercava. Isso era coisa que o kalifa não consentia. A' hora da oração da manhã, Slatin devia estar no seu posto. Em caso de fuga possivel só podia, pois, ter dez horas de avanço sobre aquelles que depois o perseguiriam. Durante dois annos, Slatin acompanhou a pé o kalifa nos seus passeios, mas um dia recebeu d'elle a seguinte prova de favor. Abdelai mandou-o chamar e disse-lhe: «Agora que a tua educação está concluida, consinto que me acompanhes de futuro a cavallo. E fez-lhe presente d'uma alimária, que mais tarde o auxiliou na fuga.

Do estado actual do Soldão, Slatin conta o seguinte.

O kalifa Abdelai, successor do Mgadi, mandou queimar uma antiga parte da cidade de Khartoum, destruiu outra parte e os tijolos das casas arruinadas, levados para a margem opposta do rio, serviram para edificar as novas casas do Omdourman, capital que prosperou rapidamente, contando hoje 200:000 habitantes. Para ir do limite sul ao limite norte da cidade gasta-se a pé hora e meia. As casas são muito simples, e construidas de tijolos ou de terra misturada com palha. As ruas são estreitas e ingremes, segundo o costume oriental. Da antiga cidade de Karthum apenas foram respeitados os jardins de palmeiras e de limoeiros que outr'ora constituiam uma das suas maiores bellezas. Abdelai, que hoje vive como um homem que nada tem a receiar, passa a maior parte do tempo no seu palacio, no meio das suas quinhentas mulheres. Resa cinco vezes por dia e nunca estende muito as suas excursões, porque receia cahir em poder de certas tribus de derviches, que nunca lhe reconheceram a auctoridade. O ultimo e unico prisioneiro europeu que ha actualmente no Soldão, é Carlos Neufel, cujos serviços o kalifa aproveita. Slatin foi auxiliado na fuga por alguns conductores de camellos, que alguem aliciara no Cairo para tentar essa empreza.

Os chapeus modernos; um accidente.—E' sabido que este anno a moda impoz ás senhoras o uso dos enormes chapéus de palha enfeitados de fitas, rendas, flores e aves, tudo com a maior abundancia e fartura. Pois estes chapéus não deixam de ter os seus perigos, pelo menos em Pariz, a julgar pelo que succedeu a uma senhora que levava um d'aquelles chapeus na cabeça e que passou pelo desgosto de o ver queimado. Deu-se isto ao passar por um omnibus. Um dos passageiros que vinham na imperial, depois de accender o seu cigarro, atirou com o phosphoro ainda acceso, que foi cahir no chapeu da dama, inflammando-se logo as fitas, as plumas, as rendas, as flores e as aves que o enfeitavam. Felizmente para ella o servente de um café immediato correu a extinguir o incendio, despejando uma garrafa de agua sobre o chapeu. A pobre dama, além de perder aquelle objecto da sua *toilette*, ainda teve de passar pelo dissabor de ficar bastante molhada.

A colheita do café.—Segundo um jornal estrangeiro, a colheita do café em todos os paizes productores d'esta mercadoria está avaliada em 10.270:000 saccas para 1895 a 1896. Como o consumo do café está calculado em cerca de 11.000:000 de saccas, provê-se alta nos preços. No Estado do Rio de Janeiro, a colheita de café está avaliada em 1.700:000 saccas.

O canal do Baltico.—Segundo dizem de Kiel para um jornal de Berlim, para terminar as obras do canal do Baltico trabalham constantemente, dia e noute, 1:200 operarios, que não descançam nem mesmo aos domingos. Estão-se construindo oito caes de embarque no sitio em que se acha a pedra da fundação.

A industria de tecidos no Japão.—Segundo uma estatistica official, em dezembro do anno findo havia no Japão 32 fabricas de fiação e tecidos, empregando 8:503 homens e 27:969 mulheres.

A população de Buenos-Ayres.—Tendo-se procedido ultimamente ao recenseamento geral da população da Republica Argentina, verificou-se que a cidade de Buenos Ayres, a capital d'aquelle Estado, tem 653:145 habitantes, sendo portanto a mais populosa das cidades americanas em que se falla o hespanhol.

A carne de cão.—Em Pariz vai grande agitação por se ter descoberto que em alguns talhos se vendia fallaciosamente carne de cão por carneiro ou vitella, tendo que intervir a policia, que entregou aos tribunaes os deliquentes. A este proposito lêmos n'um jornal estrangeiro que existem officialmente na Austria, Baviera, Belgica e Saxonia talhos para a venda da carne de cão, havendo até na Saxonia um matadouro especial para aquelles animaes. E ao que parece austriacos, belgas, bavaros e saxonios dão se bem com o alimento; verdade é que os cães destinados a este fim são creados em condições particulares, no regimen lacteo e vegetal e são mortos ainda cachorros.

O jogo do bilhar.—A Bibliotheca Nacional de Pariz recebeu ultimamente, como donativo, uma carta de 1750 relativa ao jogo do bilhar.

Este jogo, pelo que diz a carta, parece ter sido inventado no meiado do seculo XVI pelo proprietario de uma casa de penhores chamado Bill Kew. Este prestamista sobre penhores costumava com tres bolas, sobre o mostrador, servindo-se da jarda para as empurrar. O nome de Bill-Yard, de que derivou o do bilhar, viria portanto do nome do inventor do jogo e do instrumento de que se servia para jogar. Pelo menos é a etymologia ingleza, que parece bastante acceitavel, visto que o jogo de bilhar é de origem ingleza, sendo depois introduzido nos outros paizes da Europa.

Carvalho secular. | N'um artigo do *Naturatist's Jornal*, o doutor Harrisson descreve um carvalho que encontrou n'uma floresta do Vest Reding e ao qual não conhece rival. Esta arvore veneravel cuja edade é difficil de avaliar com precissão, mas que deve ter sido contemporanea dos antigos bretões, pussue um tronco cuja circumferencia é de 26 metros junto ao chão e de 16 metros á altura de um homem. Hoje está tão ôco que accommoda muitas pessoas na sua parte interior. O prior d'uma freguezia visinha acompanhado pelo sachristão e pelos meninos da sua escola, que são em numero de noventa e cinco, escolhe muitas vezes o velho carvalho para termo dos seus passeios. Todos se alojam no interior do carvalho e cantam-se hymnos n'esta capella natural.

Varias noticias.—Os primeiros omnibus que circularam em Paris, inauguraram as suas carreiras em 1662, e foi Paris a primeira cidade do mundo que teve esse meio de conducção popular. Os emprezarios de essa primeira linha foram tres fidalgos: o duque de Rouanex e os marquezes de Sourches e de Crenan. A 13 de março de 1662 foi solemnemente inaugurada essa linha, que ia da Porta de Santo Antonio ao Luxemburgo. A' ceremonia assistiu o preboste e mais auctoridades e forças de guardas a pé e de cavallaria. O preboste entregou aos cocheiros as fardas que deviam usar, que eram asues, côr da casa real e da cidade, com botões brancos com as armas reaes. Dada a ordem de marcha partiu o primeiro omnibus, ao som das musicas, e de meia em meia hora foram partindo os outros, até ao numero de sete, que era de quantos a empreza dispunha. Dentro de cada carruagem ia um guarda do preboste, e no percurso estavam postadas patrulhas de cavallaria, para que ninguem impedisse o transito dos novos vehiculos. As patrulhas foram retiradas no dia seguinte, porque o povo não se mostrou hostil á innovação, mas o guarda em cada carro continuou por muito tempo, para manter a ordem e obrigar os passageiros a pagar o preço do transporte. N'esse mesmo anno se abriram outras linhas, e tão grande foi a concorrencia que em 1664 já a empreza trazia 54 carros em circulação. Estava introduzida a locomoção collectiva.

— O acaso acaba de fazer descobrir mais uma cidade antiquissima, cujas ruinas estão sepultadas a grande profundidade, perto de Avignon. Nos trabalhos da construcção da linha ferrea de Nijon a Pierrelatte, são empregados poderosos excavadores mechanicos. Notou-se que, em certo ponto, elles traziam á superficie pedaços de columnas e outros fragmentos de architectura archeologica. Estabelecendo-se um trabalho especial de exploração, foram encontrados capiteis e outras magnificas peças architectonicas. E ultimamente um riquissimo lampadario de cinco braços, de cobre, que é considerado uma preciosidade archeologica. Os sabios correm para o logar, e alguns já opinam tratar-se de uma cidade destruida pela invasão sarracena, mas sem lhe poder ainda determinar o nome. As escavações e os estudos continuam.

— Uma quadrilha de salteadores infestava, ha annos, o cantão de Prunelli de Fiumorbo, em Ajaccio. Eram cinco os facinoras: Colombani, Renucci, Carlotti e os irmãos João e Filippe Achilli. A gendarmeria bateu-se com elles varias vezes. N'esses combates quatro gendarmes perderam a vida e outros ficaram feridos. Além d'isso tinha a quadrilha perpetrado mais de doze assassinatos. As suas cabeças estavam ha muito postas a preço, mas não havia meio de lhes deitar a mão. Os cinco bandidos eram o terror d'aquellas paragens. Desavindo-se, porém, uns com os outros, travaram entre si um combate feroz, no dia 3 de corrente, á entrada da povoação de Pietrapola les-Bains. A lucta foi a tiro e á punhalada: Carlotti e os dois irmãos Achilli ficaram mortos. Renucci, gravemente ferido, ainda poude retirar-se para a montanha, auxiliado por Colombani, que foi o unico que saiu incolume da lucta. Os povos exultam por o rifão «Lobo não come lobo», ter falhado d'esta vez.

CARTA DA FIGUEIRA

14 DE MAIO DE 1895.

Andamps com um azar desolador! Nós á espera do *ana* para fallarmos e elle a chegar e a tornar a sahir e o nosso rico trabalhinho todo perdido! Pois srs. o homem sempre conseguiu sahir debaixo da escada e voltou a retemperar o estro e a *verve* nos *boulevards* da capital. Que, verdade, verdade, um *ana* d'aquelle valor vir perder-se n'uma tóca como a Figueira é pena, é forte pena. Nós desconfiamos que algum dos fortes partidos politicos agora em lucta ou antes agora em descanço trata de o contractar para valente defensor em jornaes diversos para o que elle realmente tem aptidão natural! Já o *mano que toca viola* disse quando o apresentou á *futura gloria da Patria*: —«e tem talento o diabo do macaco!»

Melhor informados diremos que o sarau do Club Gymnastico foi o mais que os rapazes poderam fazer. Pedro Ferreira, incansavel, viu os seus esforços coroados do melhor resultado. E' muito para sentir se a boa vontade e o trabalho d'aquelle bello rapaz não fôr secundado pelos outros socios e pelos habitantes da Figueira em geral á quem aquella instituição pode prestar relevantes serviços. Este sarau deixou as melhores impressões e um enthusiasmo que a direcção do Club não deve, de forma alguma, deixar esfriar.

Consta-nos que o sr. governador ficou com pena de não vêr os *zuavos pontificaes* de S. S. o Mano Seb executarem varias sortes de trampolim e outras palhaçadas em que são eximios. Para a proxima vez o sr. P. Ferreira fará executar pelos pequenos, que tão bem ensaiou agora, uns exercicios livres com guarda-chuvas, isto para honrar o *que toca viola*, o grande *cavalleiro andante* do guarda-chuva—(vidé a nossa carta do principio do anno a proposito d'um facto passado no dia 1.º de janeiro). Kin, o chinez, o de louro pello, e appendice *en tire bouchon* botou gazetilha a respeito da draga e não está nada má, é a cousa melhor que tem escripto, cremos nós. Mas, ó Kin! põe a mão na consciencia e responde direito: Não foi lembrança tua? Hein? Foi alguem da redacção do *Povo*? Anda, confessa que não te fica mal; e não tornes a vir massar os leitores com assumpto de dansas e sopeiras e Carolinas Murtinheiras. E' assumpto já estafado e batido pelo José Brandão e G. de Lemos, que antes perdesse tempo em cousas de mais alcance.

Para a proxima vez recomeçaremos a nossa galeria de typos cá da terra e de fóra que se tornem *notaveis*.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

FEIA

A' tardinha, com uma luz indistincta, apagando-se os contornos e esbatendo-se as manchas, áquella hora em que dobram Trindades recolhidamente em cada alma, passa invariavelmente á minha porta, uma vaquinha malhada com uma linda cria; e quem as leva por esses bairros a dar o leite é uma mulher vestida de luto, toda de preto e d'olhos pretos como o luto. Mas, é feia; o rosto, detalhando-se, tem feições que brigam; só no olhar se accende, como em duas estrellas n'um alto ceu azul, a illuminação purissima d'um grande sentimento recalcado, que sei agora, ella guarda como joia querida, para uma saudade consoladora.

A historia é bem simples e bem dramatica. Ficára orphã, pequenina ainda, entregue aos cuidados da madrinha, santa mulher que, acrescendo á riqueza da bondade, poderia ter alguma renda de uma vaccaria que lhe deixára o defunto marido. Recolheu carinhosamente a afilhada e educou-a em bons preceitos, chegando mesmo a dispensar-lhe um certo amor. Veiu, porém, o tempo em que era necessario pensar no futuro d'aquella rapariguinha, flôr abrindo as petalas, desabrochando em perfumes, e decidiu entregal-a á lida dos freguezes, mandando-a vender leite pelas ruas. Diga-se em abono da verdade que o pensamento da boa velha era industriar a pequena, para a substituir no negocio.

Ora, na vaccaria havia um creado, rapaz forte, vindo da leziria para a cidade, e que soffrendo as nostalgias da campina —bois extaticos revendo a paysagem, olivedos verde cinza e a charneca triste—se lembrára de ir para alli tratar do gado. De principio, iam os dois, o creado sabia da freguezia e ella ia apregoando, a cantar. Foi-se travando uma intima ligação entre ambos: o rapaz contou-lhe a sua mocidade, fallou-lhe de saudosas lembranças até que um dia lhe disse, naturalmente, que gostava d'ella. Uma grande surpreza se abriu, então, nos lindos olhos da rapariga, que o não comprehendeu bem e que, mesmo depois viu n'elle o creado da casa. Este, porém, com a onda encapellada do seu amor, todos os dias a olhava muito, acariciadoramente, sonhava com a immensa claridade d'um luar bemdito alagando-lhe a vida n'uma benção, e algumas vezes chorou a sua condição, porque bem comprehendia a frieza da sua namorada. Passou-se algum tempo, durante o qual se enraizou uma dôr intensa de paixão no peito do desventurado, e um outro, faiante, cantador de alanceados amores na guitarra, com melenas puxadas e olho terno, veiu bulir no coração da rapariga. Em certa tarde, que, como de costume, andavam os dois, o creado e ella a vender o leite pelas ruas, encontraram-se com o fadista. O desgraçado namorado ficou livido, quando a viu sorrir-se para aquelle homem, e desde logo cravou-se-lhe na alma um acerado espinho d'angustia, subiu-lhe á garganta um solu;

comprimido de ciume. Ao voltar á vaccaria, elle teve para com ella uma ultima phrase, como uma supplica á sua dôr:

— Olha, se não casares commigo, mato-me por ti!

— Ora!—foi a resposta.

Pela manhã do dia seguinte, ao entrar na córte para fazer sahir as vaccas, ella viu o cadaver do creado cahido sobre o lagedo, com um fundo golpe no coração; tinha ainda espetada a navalha de ponta que pertencia ao seu rival, perdida ou esquecida alli na vaccaria. Quando olhou para o sangue em poça, aquella porção de sangue que pulsára por ella loucamente, soltou um grito dorido e o mais sentido que pode soltar uma mulher, quasi como o grito de mãe quando vê morrer o filho. Correu espavorida, chamou, teve medo, e o outro que a esperava fóra para a ver, entrou e deu a opinião:—Que idiota! Isto chocou-a, e poucos dias depois, ao fallar-lhe, disse-lhe—que se não casava com elle, nem com nenhum.

Assim foi. Hoje, ainda solteira, á tardinha, passa á minha porta, com uma vaquinha malhada e a sua linda cria, vestida de luto, toda de preto, e d'olhos pretos como o luto.

Lisboa.

V. Ortigão de Sampaio.

NOTICIARIO

Passagem da Rainha —Sua Magestade, chega hoje á estação da Pampilhosa á 1 1¦2 hora da tarde. Partiram para alli de manhã, a fim de a cumprimentar, os srs. governador civil substituto, os dignos officiaes Mello Freitas e Madail, o commissario de policia, com alguns guardas, varios empregados e o nosso querido collega, Marques Gomes.

Notas da carteira.— No dia 12 completou dezeseis primaveras a sr.ª D. Maria do Carmo Oudinot Rangel de Quadros, filha do sr. João Reynaldo Oudinot, digno empregado do governo civil de Leiria e da sr.ª D. Maria Henriqueta Rangel de Quadros Oudinot, natural d'esta cidade e d'uma familia aqui bem conhecida e sempre respeitavel. Enviamos os parabens áquella senhora, a seu pae e irmãos, bem como a seu thio e nosso estimavel amigo o sr. José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot.

— Tem estado doente, com um forte ataque de influenza, a sr.ª D. Leopoldina Amelia da Silva S. Thiago, uma das senhoras mais estimaveis da nossa sociedade. Desejamos-lhe prompto restabelecimento.

— Tambem tem estado gravemente incommodada a sr.ª D. Adelaide da Luz de Eça e Noronha, esposa do sr. José Maria Pereira do Couto Brandão, digno official do governo civil d'este districto. Este nosso amigo tambem tem soffrido com a influenza, bem como sua filha, a sr.ª D. Maria Henriqueta Brandão.

Registo agradavel.— Faz ámanhã annos que se verificou a sagração do illustre prelado d'esta diocese, sr. D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, distinctissimo ornamento do episcopado portuguez.

Estimamos.— Consta-nos, que o sr. conde de Fonte Alva levou tão agradaveis impressões de Aveiro e dos seus arredores, bem como das pessoas d'aqui, que tenciona vir passar alguns dias a esta cidade, depois de ter concluido a digressão, a que se destina. E'-nos grato dar esta noticia, pela qual se vê que a nossa terra e os seus habitantes inspiraram sympathias aos que a visitam.

Fallecimento.—Falleceu hontem no seu solar o visconde d'Aguieira, sr. Joaquim Alvaro Pacheco Telles de Figueiredo. Casado com uma irmã do sr. conde da Borralha e da sr.ª marqueza da Graciosa, já fallecidos, o extincto foi um *gentleman* de primeira ordem, e era ainda hoje uma figura sympathica e um perfeito cavalheiro. Contava aproximadamente 80 annos de edade,e não deixa descendentes. Lega,porém, a seus herdeiros, que são naturalmente seus sobrinhos, uma boa fortuna tanto em propriedade como em capital. A sua ex.ma esposa, aos srs. Marquez da Graciosa, Conde da Borralha,seus sobrinhos por affinidade, enviamos d'aqui a expressão do nosso sentimento.

Expediente.—Por absoluta falta de espaço não podemos publicar hoje todas as correspondencias e communicados que n'estes ultimos dias nos tem sido enviados. Irão no proximo n.º as que hoje não poderam entrar.

Festividade. — A'manhã effectuar-se-ha na egreja parochial de Nossa Senhora da Gloria a festa do Senhor Jesus, constando de exposição solemne, missa cantada e sermão. De tarde tambem haverá sermão e em seguida sahirá a costumada procissão, que percorrerá as principaes ruas da freguezia. Tanto de manhã como de tarde, é orador o sr. padre Bruno Telles dos Santos, cujos meritos são já bem conhecidos.

Theatro Aveirense. —Deve effectuar-se hoje a primeira recita a que ha dois n.os nos vimos referindo, sendo ámanhã a 2.ª. Tudo nos faz prever que teremos duas magnificas noites, attendendo aos meritos dos debutantes, que veem precedidos do melhor nome. A casa está quasi toda passada.

Azylo-Escola Districtal.—Foram 9 os alumnos da piedosa instituição local d'este nome, secção *Barbosa de Magalhães*, que no corrente anno concorreram aos exames de instrucção primaria complementar e alcançaram a approvação. Ha entre elles rapazes intelligentes, que já nas artes e officios se revellam excellentemente, mas é tambem incontestavel que, do que aproveitam nos estudos, cabem louvores em grande parte aos director e professores, que são realmente incansaveis no cumprimento dos deveres a seu cargo.

Os alumnos approvados foram os seguintes:—Antonio dos Santos Lé, David de Pina Formoso, Florindo Anastacio Falcão, Humberto Hilario da Silveira, José da Rosa Nogueira, Manuel Afra, Manuel d'Almeida, Manuel Nunes da Silva e Silvestre d'Almeida Neves.

Producções poeticas. —Temos em nosso poder uma carta do nosso presado amigo e esclarecido escriptor, sr. José Reynaldo Rangel de Quadros, dando-nos a grata noticia de que vae fazer no nosso jornal a publicação seguida de muitas das suas famosas composições poeticas. Deixamos de publical-a hoje por absoluta falta de espaço, mas dal-a-hemos no proximo n.º.

Hotel Commercial.— Damos em seguida o *menú* do almoço servido n'este importante estabelecimento local, no dia 15 do corrente, ao sr. conde de Fonte Alva:

Mayonnaise de Bars em helle-vue, Soles frites à la Collect, Aufs brouillés aux frointes d'asperges, Filets de porc à la Chantilly, Entrecôtes aux frommes fraille, Roasbeef et Gigot froids, Fruits; *Dessert*, Café, Liqueurs.

Estado sanitario.—Não é muito satisfatorio. Por muitas partes ha doenças, ainda que geralmente não sejam de gravidade. A influenza tem atacado muitas pessoas, deixando-lhes depois da cura estragos bastante sensiveis. As violentas nordestadas podem purificar a athmosphera, mas tambem teem causado algumas constipações e dores rheumaticas.

Tempo.— Até pouco depois do meio dia,tem havido um calôr quasi insuportavel. De tarde tem havido uma ventania incommodantissima e que levanta uma poeira, que perturba a vista. Esta ventania tem causado prejuizos, especialmeate á fructa, que nas arvores começava a desenvolver-se, mas que é arrancada pela violencia do nordeste duro que tem soprado.

Trabalho de pesca.— Sempre que o mar tem permittido o serviço, as companhas, que estão já montadas, tem explorado o mar, mas com pouco resultado e com risco de vidas e de apparelhos, por isso que o mar nem sempre tem estado bom. Hão-de desenganar-se, os que já trabalham, de que começaram cedo de mais e de que, por emquanto, os sacrificios que fazem são sem resultado proveitoso.

Mercado de sal.—Continua o movimento n'este genero. Os preços tem subido, pois que está já nas eiras por 20$000 réis a medida de 15 mil litros,e os poucos proprietarios que o possuem, esperam ainda preço mais vantajoso,e espera-se que assim suceda.

Os mornotos apressam o amanho das marinhas, mas sal novo, antes de julho, decerto não haverá.

Serviços agricolas.— Por emquanto tudo corre bem. Os milhos estão bons, estão boas as vinhas e até o aspecto dos olivedos é promettedor.

Os milhos temporãos estão sachados e os de segunda sementeira vão-se agora sachando. N'este ramo de industria, no que é agricultura—tudo bem por emquanto, graças a Deus.

Francisco Bastos.— O nosso collega Antonio Carvalho, proprietario e redactor do *Correio Elvense*, está colligindo, para reunir em volume, as poesias de Francisco Bastos, o distincto poeta tão conhecido em Coimbra e ha pouco fallecido no Brazil. O livro será prefaciado por um dos seus contemporaneos de Coimbra, que hoje occupa um logar eminente na litteratura do nosso paiz. As copias das poesias e noticia dos jornaes aonde foram publicadas devem ser dirigidas a Antonio Carvalho, redacção do *Correio Elvense*, Elvas.

Transcripção. — E' do *Correio de Portalegre*, jornal affecto á politica do governo,a seguinte noticia:

«Os progressistas e regeneradores do Gavião deitaram foguezes pela nomeação do sr. dr. Adriano Dias, progressista, para administrador do concelho, o que representa o começo da queda politica do sr. José Caetano Rebello, cujo procedimento estava sendo mal visto superiormente. Absolutamente extranhos ás luctas locaes, apraz nos deixar registada a alliança dos progressistas e regeneradores do Gavião, para deitar a terra um potentado eleitoral da força do sr. José Caetano Rebello.»

Não commentamos.

Deficiencia de consumo.—O *Correio de Santarem*, queixando se da falta de procura dos vinhos,escreve no seu n.º d'ante-hontem:

«No concelho d'Almeirim, apezar do preço do vinho ter descido muitissimo, ainda estão para vender mais de cinco mil pipas! Os lavradores attribuem este ratrahimento á criminosa concorrencia dos vinhos artificiaes, e ao contrabando hespanhol. Entretanto os nossos previdentes governos não se fartam de «proteger» a vinicultura com decretos — lettras-mortas—para armar ao effeito...»

O governo não cura de assumptos *minimos*. De politica, do desprezo da lei, e de indispor o Rei com o paiz é que elle trata.

Noticias d'Estarreja —São do *Estarrejense*, de 16 do corrente, as seguintes:

Cresça o monte!—Calcula-se em 3 contos de reis, o valor das gallinhas que estavam no domingo passado, no largo da estação do caminho de ferro, para serem vendidas aos hespanhoes. Porém estes só ultimaram transacções até á importancia de 2 contos. O restante das aves por vender foram para o Porto, Aveiro e Coimbra.

Selvageria.—Está preso nas cadeias d'esta villa um individuo demente por tentar contra a honra d'uma menina de 10 annos. A justiça procede.

Curioso.—O Marreco da Murtoza effectuou ha dias em Arouca um contracto curioso... Trocou 40 porcos a 40 gallinhas!

Suicidio.—Maria Dias, por appellido a Castelhana, esposa de Manuel Bento, do logar da Povoa de Cima de esta freguezia de Biduido, precipitou-se ha dias a um poço, suicidando-se.A infeliz suicida teria 60 annos de edade approximadamente e soffria ha perto de 15 dias de alienação mental. No dia em que pôz termo á vida andou ella pela visinhança a pagar as dequenas dividas que tinha, isto é: dividas que o marido não sabia que o casal as devia, despedindo-se de todos os credores com desculpas e perdões, dizendo-lhes adeus até um dia... Pobre louca.

Curiosidade archeologica.—Descobriu-se ha dias na Sé Velha de Coimbra uma campa soterrada junto a um dos altares da nave de S. Pedro. Já quebrada e muito gasta despertou o interesse dos curiosos pelo desenho bastante correcto de uma cabra a toda a largura do escudo, e pelas lettras gothicas que restavam do letreiro que a circundava. Podem lêr-se ainda as seguintes:

AQUI: IAS: ALV--O
GIL: CABRAL: ALCAIDE...
.....
...OYTO: DIAS: ADADOS: DE: IVNHO.

Não faltaram logo varias conjecturas sobre a edade da campa. Parece, porém, que estas já se fixaram, em presença do que alguem leu n'um velho manuscripto genealogico das familias do reino. No titulo dos Cabraes está em primeiro logar o seguinte:

«Amaro Cabral foi hû fidalgo muy onrrado em tpo delRey D. frd.º e delRey Dom Ioam o p.ro foi sr de zurara, Alcaide mor da goarda depois de belmonte teue filho a Luis Alves Cabral.»&

Assassino precoce.— O nosso collega *Elvense* dá-nos no seu ultimo n.º a seguinte noticia:

«*Um assassino de 11 annos.*—No sabbado, ao anoitecer, foi encontrado em uma cabana, no Monte Trigo, Portalegre, com um grave ferimento na cabeça, um homem de 60 annos de idade, guardador de porcos, que foi conduzido para o hospital d'aquella cidade aonde falleceu no domingo. O assassino foi um seu ajuda no mister que occupava, um rapazito de 11 annos. Contase que o rapaz por mais de uma vez deixou entrar os porcos em campo cultivado, occasionando prejuizos que o porqueiro teve de pagar e como lhe não tivesse servido de estimulo as advertencias, deu-lhe algumas pancadas; o rapaz então prometteu vingar-se e deu d'isso conhecimento ao guarda da herdade que lhe não deu importancia e que denunciou o auctor do crime. Preso o rapaz, confessou que se munira d'uma machadinha e que, quando o porqueiro dormia, lhe descarregou com ella uma forte pancada na cabeça. Conta tudo isto com a imbecilidade propria da edade. Diz que está arrependido do que foz, mas nem uma lagrima, nem um unico indicio de pesar. O assassinado deixa mulher e filhos.»

O pequeno dá esperança!

Assumpto d'Africa. —O *Temps* chegado ha dias, dá uma noticia importante, que muito interessa a todos os que ligam attenção ao movimento das cousas africanas ao sul de Lourenço Marques.

O Estado livre de Orange,pelo orgão do seu *Wolksraad*, acaba de juntar os seus protestos aos da republica do Transwaal, contra a annexação do paiz dos Amatongas pela Inglaterra. Esta annexação tem, como se sabe,por effeito privar os dois estados boers de futuras sahidas maritimas. Como ella foi resolvida sem a consulta preliminar das colonias britannicas da Africa do sul,espera-se que o governo da rainha Victoria não persista na sua acção.

Como se sabe, o paiz dos Amatongas fica ao sul da bahia de Lourenço Marques, e quer a annexação se faça pela Inglaterra, quer pelos estados boers, o acontecimento será para nós de summa importancia.

Previsão do tempo.— Noherlesoom diz com relação á 2.ª quinzena do mez corrente o seguinte:

Nos tres primeiros dias haverá a continuação do mau tempo anterior; no dia 16 haverá baixas pressões no Mediterraneo, chuvas, trovoadas e fortes ventanias; no dia 17 haverá mau tempo em Portugal; no dia 18 o mau tempo augmentará de intensidade no sul da peninsula; de 19 a 21 passará a haver aguaceiros e continuará o vento com certa violencia, de 22 a 24, baixas pressões pouco intensas no Mediterraneo e nas costas da peninsula; de 25 a 27 haverá igualmente variações de temperatura com pouca intensidade na região septentrional e na região pyrenaica; em 28 e 29, aguaceiros e ventos; em 30 e 31, baixas pressões de temperatura e chuvas tempestuosas nas margens do Douro e no norte da Hespanha.

Despachos de justiça —Verificaram-se os seguintes:

Drs. Emygdio Augusto Ribeiro de Castro e Gil Antonio da Silva, nomeados respectivamente 3.º e 4.º substitutos do juiz de direito de Vouzella; dr. Antonio Thomé, nomeado sub-delegado na Guarda, dr. José Julio Gonçalves Coelho, idem da 1.ª vara do Porto; José Justino Pinto da Silva Pereira, exonerado de contador em Villa Nova da Cerveira, por não se haver apresentado no praso legal a tomar posse do logar; Antonio José da Cunha Villarinho, nomeado para esse logar; Alvaro Luiz Loureiro, exonerado, como requereu, de juiz de paz no julgado de Almeirim, comarca de Santarem; João Nunes Godinho, nomeado para esse logar; Antonio José Baptista, exonerado do logar de juiz de paz de Ferreira do Zezere, Thomar.

CARTA DE ESTARREJA

17 DE MAIO DE 1895.

Feira de Santo Amaro, em 15. — Um calor tropical, sem uma aragem consolante. Tressuavam, nas tascas, feirantes suffocados, pedindo ao vinho um pouco de repouso.

Beviam! beviam! nel vino cerchiam almeno um piacer!

E porque o sol escaldava, deixei-me tambem ir ao sabor da corrente, acompanhando os conversistas, na sua piedosa romagem aos altares do deus Baccho. Era o que havia: *verdasco* serrano, e peixe frito em azeite pôdre. Mas serviu, porque a sombra acariciava, e alli mesmo eu daria pasto á minha curiosidade insoffrida, com as novidades que es devotos trouxessem. Eis o que ouvi:

Muito gado bovino, e poucos compradores. Bons cavallos, dos quaes alguns se venderam com alta nos preços. O meu amigo Bernardo, da Monda, montava uma estampa de primeira ordem, pertencente ao Silva, de Figueirêdo. Pedia trinta e cinco libras, mas não lh'as deram. O outro commercio queixava-se da falta de transacções, porque o calor e nuvens de poeira, que formavam o docél do grande leito da feira,afugentou os freguezes. Não houve desordens. Parti, sol-posto. A debandada era monotona, porque os feirantes, em bolços vasios, caminhavam tristes, claudicando. Proximo de mim vinha arrulhando um par enamorado. A pomba era viuva, e ouvia, com agrado, os protestos d'amor d'um pombo que já *coimbrou*, e lhe dizia:

— *Vieni meco, sol di rose, intrecciar ti vò la vita!*

Ella respondendo, disse:

— Assim seja! Que melhores dias eu tenha no futuro, e que o teu amor rasgue, em breve, o pesado lucto da minha alma!

Cantando ao seu eleito passadas desventuras, e o pouco tempo que fruiu o seu primeiro affecto, cuja memoria evocou, disse, entre suspiros:

— *Per noi d'amore il talamo di mórte fu l'altar!*

E nada mais ouvi.

— Audiencia geral, em 15 e 16. —Réus, Agostinho Rendeiro e Anna Carrada, accusados d'homicidio voluntario na pessoa de José Maria Tigeleiro, todos da Murtosa. Defendeu-os o illustre advogado dr. José Justiniano. Testimunhas affirmaram ter o réu confessado o crime, que praticára instigado pela ré. Eram concludentes e esmagadores taes depoimentos, mas os srs. jurados entenderam dever mandar em paz os accusados. Nada tenho com a elasticidade das consciencias alheias, mas cumpre-me accentuar a flagrante injustiça. Provas de sobejo orientavam perfeitamente quem desejasse acertar, e quizesse render merecido preito ás conveniencias sociaes e ao juramento prestado. Mas quem pensa hoje em puerilidades de tal ordem? E' bem melhor ter sempre o direito de exigir a retribuição d'um favor. E' commodo, e é... humano. Depois d'isto, não vale a pena fallar-lhes dos discursos que ouvi, muito eloquentes, em verdade, mas sem valor algum, no estado actual das *coisas*. A logica é outra...

— Será bom dizer-lhes, que a querella contra o Caetano Cavaco, de Salreu, foi annullada pelos tribunaes superiores. A noticia tem valor para mim, que escrevi, em tempo, alguma coisa, demonstrando as incorrecções havidas em tal processo. Felizmente, por tal successo, interrompera-n, os assassinos, as aggressões contra o reu, feitas durante tempo nas columnas d'este jornal, em correspondencias de Salreu. E' melhor assim, porque o Caetano póde ser absolvido, e exigir, depois, estreitas contas ao illustre correspondente. Eu não garanto a innocencia do reu, porque nada sei a tal respeito. No entanto, em face das provas, não será vergonha pedir a absolvição do reu, pelo menos aos senhores jurados de 16 do corrente. O peor é se o rapaz não arranja... logica.

— O Junqueira vae para Cintra (?) Elle o diz... e é quanto basta. O prazer que me invade ao dar-lhes esta nóva, quebra-me a penna para um resto de contas, que eu desejaria liquidar. Emfim, que o homem vá, e nos deixe em paz. Diz se que o vem substituir o sr. Clemente Ribeiro, que me consta ser um rapaz sympathico. Folgarei ter ensejo de louvar o novo administrador do concelho, que deverá abandonar, inteiramente, os habitos e costumes da funebre auctoridade que vem substituir.

— Não se zangue commigo, o illustre correspondente d'esta villa para o *Campeão das Provincias*. Eu não venho usurpar-lhe os seus direitos, com a humilde correspondencia que hoje dou a lume. Que sua ex.ª continue na gloriosa tarefa de representar, n'esta folha, os póvos d'Estarreja, que muito teem que agradecer á sua boa vontade e reconhecida competencia.

Airagrebla.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

Sabbado, 18 e domingo 19 de maio

Em beneficio do Instituto de Soccorros a Naufragos

Dois grandes saraus dramatico-musicaes, dados pelos alumnos distinctos de canto do *Instituto Musical de Lisboa*, sr.as D. Maria da Madre de Deus Diniz, D. Claudina Medina de Sousa, srs. Christiano Telmo e Virgilio de Sousa, que brevemente partem para Italia, afim de se dedicarem á carreira lyrica. Tambem tomam parte os mais eximios concertistas portuguezes de violino e violoncello, srs. Julio Caggiani, e Augusto de Moraes Palmeiro, ambos solistas do theatro de S. Carlos de Lisboa; o pianista sr. Carlos Ferreira, e o applaudidissimo actor sr. Simões, muito apreciado nos theatros de Portugal e Brazil.

PREÇOS:—Camarotes de frente, por assignatura, 5$000; avulso, 3$000; ditos de lado, por assignatura, 4$000; avulso, 2$500; dito A e B e 2.ª ordem, 3$000; avulso, 1$800; Frizas de frente, por assignatura, 5$000; avulso, 3$000; ditas de lado, por assignatura, 4$000; avulso, 2$500; Cadeiras, por assignatura, 1$000; avulso, 600; Superior, por assignatura, 600; avulso, 400; Geral, por assignatura, 480; avulso, 300; Galeria numerada, por assignatura, 240; avulso, 160; Ditas de pé, por assignatura, 200; avulso, 120 réis.

Principia ás 8 horas e meia

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

Preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

Vende-se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias.

Por grosso, 159, rua dos Sapateiros, 1.º, direito, Lisboa.

CICLES «IMPERATOR»—Dugour & C.ª, constructores, 81, faub. St. Denis, Paris. Mesmos preços que em grosso. Bicyclettas 1895 grossos tubos esmerados occos 200 fr. Magnificos pneumaticos extra 225 fr. Catalogo gratis e artigos mechanicos.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

CASA

VENDE-SE uma de dois andares, sita na rua d'Alfandega, d'esta cidade. Para tratar com D. Maria do Rosario Amorim—Rua de Santo Antonio—AVEIRO.

EDITOS DE 30 DIAS

NA comarca d'Aveiro, e cartorio do escrivão do 2.º officio — Barbosa de Magalhães — no inventario officioso a que se procede por fallecimento de Bonifacia de Jesus, moradora que foi em Arada, e em que é cabeça de casal Anna de Jesus Barthola, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do ultimo annuncio, citando o co-herdeiro, ausente em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, de nome Joaquim Barthelo, casado com Rosa Carvalho, residente no dito logar de Arada, para todos os termos do mesmo inventario, até final.

Aveiro, 6 de abril de 1895.

O escrivão do 2.º officio,

Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

Verifiquei.

O juiz de direito,

Costa e Almeida.

PIANO

VENDE-SE um allemão de 6 1¦2 oitavas, proprio para estudo, e em bom estado de conservação.

N'esta redacção se diz onde póde ser visto e tratar-se do seu ajuste.

CENTRO COMMERCIAL VELOCIPEDICO

A. S. DE CARVALHO

43—RUA DA SOPHIA—45

Coimbra

O maior e mais variado sortido em Velocipedes para alugar e vender. As melhores machinas do mundo para Familia, Alfaiate, Sapateiro e Correeiro e bem assim as celebres machinas oscilantes e para fazer meia, e estas as mais completas. As vendas d'este artigo fazem-se a prestações de 500 réis semanaes. Pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Carros para passeio de creanças. Objectos electricos. Oculos e lunetas. Relogios para sala e despertadores. Concertam-se machinas, velocipedes, oculos e lunetas, instrumentos musicos, etc., etc. Responsabilidade por tudo o que sahir d'esta casa. Vendas a prestações ou a prompto pagamento com vantajosos descontos.

Encarrega-se da venda de instrumentos pelo catalogo e preços da fabrica.

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa asa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario

José Murinello.

MANTEIGA NACIONAL

FABRICA

EM

PRAIA D'ANCORA

EMPREZA

CANNAS AFFONSO & C.ª

MARCA REGISTADA

Grande exploração de productos de lacticinios. Manteiga de purissimo leite, fabricada pelos mais modernos processos.

N. B.—Esta manteiga entra no mercado para combater a ruinosa e perigosa concorrencia das margarinas estrangeiras, e dos productos mal fabricados no paiz, vendendo-se por um preço altamente vantajoso para o publico.

Garantia escrupulosa no fabrico, e na pureza do producto, eis o ideal d'esta empreza.

Pede-se aos nossos consumidores que se acautellem com as imitações das marcas, d'outras emprezas.

Deposito em Lisboa na Calçada do Marquez d'Abrantes, 8, á venda nos Grandes Armazens do Chiado e em varias mercearias. No Porto, Rua das Flores, 124, e nas principaes mercearias, confeitarias e lojas de chá.

Em Aveiro no estabelecimento do sr. Domingos Pereira Guimarães, rua de José Estevam.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Cannas Affonso & C.ª

PRAIA D'ANCORA

CHA' PURGATIVO

(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

—=(*)=—

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, PHISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

PULVERISADORES

CALDA BORDALEZA EM PO'

SULFOSTEATITE

ENXOFRE CUPRICO

VENDE-SE tudo garantido, por preços commodos, na loja de Manuel Maria Amador em

Alquerubim

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue,limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER —O remedio mais seguro que ha para cura da tosse,bronchite,asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER— Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficamindicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e nteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYES, para desinfectar casas e atrinas,tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa,limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas.

O proprietario, estando inteiramente satisfeito da impossibilidade de que o remedio falhe, offerece-se para restituir o dinheiro, caso o doente tenha lombrigas e tenha seguido as instrucções, e o remedio não tenha dado resultado

SABONETES DE GLYCERINA

MUITO GRANDES, MARCA CASSELS

Amacia a pelle

A MELHOR QUALIDADE

PREÇOS BARATOS

Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias.

Os representantes **James Cassels & C.ª**, rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, **87**

PORTO

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinhos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton-breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31

FERRO QUEVENNE Unico approvado pela Academia de Medicina de Paris.

Cura Anemia, Pobreza do Sangue, Perdas, Dores de Estomago.—50 annos de successo.

Exigir em cada frasco de Ferro Quevenne o sello da "UNIÃO des FABRICANTES", 14, r. Beaux-Arts, Paris.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.